

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**Da água se fez vinho; da cerveja se
fez revolução: bebida alcoólica e cultura
popular no México revolucionário.**

Dissertação de Mestrado de Bruno César Rodrigues Thomaz

Orientador: Norberto Osvaldo Ferreras

ÍNDICE:

1 – INTRODUÇÃO	8
Metodologia	20
2 – HONRA, TEQUILA E PÓLVORA: Práticas alcoólicas e violência cotidiana na Revolução Mexicana	
2.1 – Violência revolucionária; violência na revolução	26
2.2. – Beber: prática apreciada, vício indesejado	30
2.3 – Honra e álcool: conflito perene	40
3 – O ANTI-ALCOOLISMO	
3.1 – O Pensamento e as Políticas Anti-alcoólicas na América:	
3.1.1 – Uma questão global ?	48
3.1.2 – Religiosos contra o álcool	50
3.1.3 – O Movimento Operário contra o álcool	52
3.1.4 – A vertente médico-sanitarista	54

3.1.5 – Lei Volstead: outra faceta do pensamento anti-alcoólico	63
3.2 – Villa, o general abstêmio	
3.2.1 – O personagem perante a história	65
3.2.2 – A imagem construída	72
4 – VILLA E LA COMPAÑIA CERVECERA DE CHIHUAHUA	
4.1 – A indústria cervejeira mexicana	80
4.2 – Villa, governador de Chihuahua: o paradoxo entre proibir e lucrar	93
5 – CONCLUSÃO	101
6 – FONTES E BIBLIOGRAFIA	103

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

T465 Thomaz, Bruno Cesar Rodrigues.
Da água se fez vinho; da cerveja se fez revolução: bebida alcoólica e cultura popular no México revolucionário / Bruno Cesar Rodrigues Thomaz. – 2016.
112 f. ; il.
Orientador: Norberto Osvaldo Ferreras.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2016.
Bibliografia: f. 103-112.

1. Revolução Mexicana, 1910-1920. 2. Villa, Pancho, 1878-1923. 3. Indústria cervejeira. 4. Cerveja. 5. Bebida alcoólica. 6. México. I. Ferreras, Norberto Osvaldo. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. IV. Título.

RESUMO:

O seguinte trabalho versa sobre as condições de consumo e produção de bebidas alcoólicas no México, durante o período revolucionário. Considerando as especificidades da revolução no território sob jurisdição da Divisão do Norte do Exército Constitucionalista, analisaremos os hábitos de consumo populares das bebidas embriagantes no México. Como essa cultura de consumo foi forjada e de que maneira isso afeta no aspecto militar da revolução mexicana.

Tratamos da dimensão política do tratamento quanto ao consumo alcoólico, desde sua dimensão transnacional, para o período, como problemática social, até os efeitos mais práticos de ordem militar e/ou mortal. E, como por outro lado, existe um mercado em expansão no setor etílico que pode ser aproveitado desde uma análise pragmática da Revolução.

RESUMEN:

El siguiente trabajo se ocupa de las condiciones de producción y consumo de bebidas alcohólicas en México durante el periodo revolucionario. Teniendo en cuenta las características específicas de la revolución dentro de la jurisdicción de la División del Norte del Ejército Constitucionalista, se analizan los hábitos de consumo de bebidas alcohólicas populares en México. Dado que esta cultura del consumo se forjó y cómo afecta el aspecto militar de la Revolución Mexicana.

Nos ocupamos de la dimensión política del tratamiento sobre el consumo de alcohol, ya que su dimensión transnacional, para el período como un problema social, incluso los efectos más prácticos militares y/o mortales. Y, al igual que la otra parte, existe un mercado creciente en el sector de étlicos que se pueden aprovechar de un análisis pragmático de la revolución.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a meu pai Ogum e a mamãe Oxum, assim como a todos os orixás e entidades que me abriram os caminhos, me guiaram e me protegeram ao longo desta jornada. E também a Virgem de Guadalupe igualmente pela proteção e zelo.

Este texto se constrói em forma de homenagem a toda minha família, que me apoiou incondicionalmente de todas as formas possíveis ao longo destes quatro anos e meio; graças a vocês: meu pai Fernando, minha mãe Elena, minha vó Yolanda, minha irmã Fernanda, tios Róbson e Marta e prima Yasmin. Juntam-se a eles na qualidade de homenageados a família que conheci e me recebeu no Rio de Janeiro, a família da república dos Flacos: Guilherme, Maria Elisa, Maicon, Ghislain, Rubén, Maria Luiza, Cristiano, Rafael e Bruna; sem o acolhimento e força de vocês nada disso seria possível.

Não menos importante para o trilhar de qualquer caminhada é a presença dos amigos, aqueles irmãos que escolhemos ao longo da vida. Não seria possível citar todos os que foram presentes nesse sentido, mas registro aqui o agradecimento a eles, sobretudo aos confrades da sociedade Abuja.

Creio na obra intelectual como fruto da reflexão coletiva. Portanto, cabem algumas palavras àqueles que foram imprescindíveis no sentido acadêmico: ao meu orientador Norberto pela colaboração amistosa, compreensível e valiosa; e também aos amigos Rafael Soares, Juan Ignacio González e Marco Antônio Bandini, com quem compartilhei as orientações, e principalmente as idéias e angústias para a realização deste trabalho.

Tampoco podría dejar de citar a unos tantos mexicanos que hicieron posible esa jornada de investigación; desde abrir las puertas de sus casas a un desconocido, hasta

aportes, sugerencias, libros y otras tantas contribuciones materiales e inmateriales. Les dejo mis gracias y saludos a Carlos Méndez Villa, Luis Rodela, Dr. Rubén Osorio, Ricardo Perea García, Don Guillermo Salazar y su familia, José de la O Holguín, Gilberto Jiménez, Pablo de Antuñano y su familia, Fernando Segura Trejo, Luis Barrón, José Guadalupe Alejo, Maria José Magaña y su familia, Angelica Aguilar Pérez, Miguel Carlos Anguiano, Ricardo Camacho Rosales, Mario Olivas, Davia Perea y muchos otros.

Finalmente, agradeço a professora Maria Verónica Secreto e aos professores Héctor Alimonda e Vanderlei Vazelesk, por tomarem parte na qualificação deste trabalho, meses atrás, e agora. Com os quais, e suas respectivas indicações e questionamentos, fizeram elevar a qualidade da discussão apresentada.

1 - INTRODUÇÃO

Ainda em 1913, por iniciativa do comandante do Exército Libertador do Sul, Emiliano Zapata, inicia-se a correspondência entre este e Francisco Villa, futuro general em chefe da Divisão do Norte do Exército Constitucionalista. Depois das frustrações do alinhamento com Pascual Orozco, que, apesar das continuidades entre o Plano de Ayala e o Plano de la Empacadora, este último resolveu negociar com o general golpista Victoriano Huerta, o mesmo que havia reprimido as forças zapatistas em Morelos a mando de Francisco Madero; essa era uma nova tentativa da construção de uma aliança norte-sul.

O rompimento foi inevitável, e até resultou, em combates futuros, no fuzilamento de Pascual Orozco pai por generais zapatistas. Como dizia Villa¹ sobre os fuzilamentos de generais, “os generais federais eu fuzilo porque defendem ideais contrários ao do povo, e os generais colorados porque conhecem as necessidades do povo, e ainda assim lutam contra seus interesses”; o mesmo pode se aplicar a este caso, onde as alianças políticas prevaleceram sobre os ideários propagados pelo orozquismo e pelo Plano de la Empacadora. As bases do novo alinhamento estavam sendo alinhavadas por ambos os lados, mas até que se travasse o encontro definitivo em Xochimilco, os fatos jogaram a favor.

A Convenção de Aguascalientes conheceu uma representação razoavelmente equilibrada entre os delegados das três divisões do constitucionalismo: a Noroeste, de Obregón; a Norte, de Villa e a Nordeste, de Pablo González. Contudo, faltava ao encontro os delegados zapatistas, do Exército Libertador do Sul. O general Villarreal

¹ TAIBO II, Paco Ignacio. Pancho Villa, uma biografia. Editora Planeta. São Paulo. 2007.

pleiteava o fim das hostilidades entre Maytorena e Hill em Sonora; e insistia na necessidade da presença dos zapatistas na Convenção. Foi tirada uma comissão para tratar junto a eles: Felipe Ángeles, Lucio Blanco, Calixto Contreras e Buelna; proposta pelo próprio Ángeles. Dessa maneira estaria validada a soberania da Convenção.² Sem dúvida, a escolha da comissão foi acertada, todos agrarianistas comprometidos, do ponto de vista zapatista, e revolucionários leais. O sucesso em vencer a desconfiança dos sulistas veio anunciado em telegrama de Lucio Blanco.

Antes de parar em Aguascalientes, o trem da delegação zapatista passa direto, e segue até Guadalupe, ao encontro de Villa. O último selo da aliança norte-sul é a garantia de que, juntos, seus respectivos exércitos garantirão as reformas sociais pautadas no Plano de Ayala.³ Na Convenção, os delegados seguem com êxito na garantia e consolidação do documento de Ayala. Paulino Martínez alude a Villa e Zapata como “os verdadeiros representantes da luta social”. Gildardo Magaña, Antonio Díaz Soto y Gama e Juan Banderas também fazem defesas enfáticas dos princípios sociais e da distribuição agrária. E com isso conseguem a aprovação em Aguascalientes.⁴ Díaz Soto y Gama ainda fez valer disposições do próprio Plano de Guadalupe para defender o artigo 12º do Ayala, o qual punha a presidência interina a cargo da delegação e votação dos chefes revolucionários. Segundo Magaña, os

² **Documentos da Convenção de Aguascalientes** (disponível em biblio.juridicas.unam.mx; e em www.bicentenario.gob.mx) e: TAIBO II, Paco Ignacio. *Pancho Villa, uma biografia*. Planeta, 2007

³ MAGAÑA, Gildardo. *Emiliano Zapata y el agrarismo en México*. Comissão para a Comemoração do Nascimento do General Emiliano Zapata, 5 volumes, México, DF, 1979.

⁴ **Documentos da Convenção de Aguascalientes** (disponível em biblio.juridicas.unam.mx; e em www.bicentenario.gob.mx) e: TAIBO II, Paco Ignacio. *Pancho Villa, uma biografia*. Planeta, 2007

carrancistas batiam em retirada da assembléia, mas o artigo foi aprovado com vivas à Revolução.⁵

Com a soberania da Convenção de Aguascalientes rompida por aqueles que visavam exclusivamente o poder político e a cadeira presidencial⁶, escreve-se um novo capítulo da conciliação entre os distintos Méxicos em prol da questão agrária: o Pacto de Xochimilco. Villa e Zapata, tanto para contemporâneos, como para historiadores, os dois símbolos máximos, e mais puros, do caráter popular da revolução, se reúnem e consagram a aliança com uma dose de mezcal. Segundo os registros taquigráficos das conversas travadas, Zapata define Carranza como um corno, por tentar marginalizar os zapatistas no processo revolucionário. Villa também entende Carranza como um tirano, mas retruca a frente que não deseja postos públicos. E segue o diálogo com uma clara demonstração dos dois lados de que a cidade do México lhes é algo alheio e estranho; nas palavras de Emiliano as calçadas eram muito altas, nas de Pancho aquele rancho era muito grande para eles. Tratam ainda da questão da terra, ambos a colocam na qualidade de seu objetivo central. E ainda do tema da carência de justiça e liberdade para o povo mexicano. Encontraram um no outro os anseios e frustrações por que passaram com outros chefes revolucionários, no sentido de construir um projeto nacional, materializados no desencanto que os dois tiveram para com Pascual Orozco. O Pacto foi selado a partir de quatro medidas: aliança formal militar entre a Divisão do Norte e o Exército Libertador do Sul; salvo os ataques a Madero, a adoção do Plano de Ayala pela

⁵ MAGAÑA, Gildardo. *Emiliano Zapata y el agrarismo en México*. Comissão para a Comemoração do Nascimento do General Emiliano Zapata, 5 volumes, México, DF, 1979.

⁶ Certamente, parte das forças revolucionárias que se agruparam sob o carrancismo enxergava em Villa também objetivos espúrios da tomada do poder central. Porém, admite-se aqui os interesses do próprio Carranza, e de outros carrancistas como Pablo González e Álvaro Obregón.

Divisão do Norte; fornecimento de munição do norte a Zapata; e a promoção de um civil à presidência da república.⁷

Segundo Robert Sandels, o fracasso da reforma de Juárez por não conseguir possibilitar ao camponês o acesso à terra, teve como consequência do avanço do latifúndio no porfiriato, não só o despojo da propriedade comunal sulista, como o endividamento do camponês e ranchero nortista, colocando-o à margem da *hacienda*.⁸ Sendo assim, para o villismo não se tratava de restituir a terra perdida, mas sim de restituir a autonomia dos tempos das colônias militares e o fim da dependência. Tal qual para os zapatistas, para o homem rural nortista era cara a associação entre terra e autonomia, entre terra e liberdade. Esses traços comuns trouxeram as bases de uma continuidade nos 2 projetos.

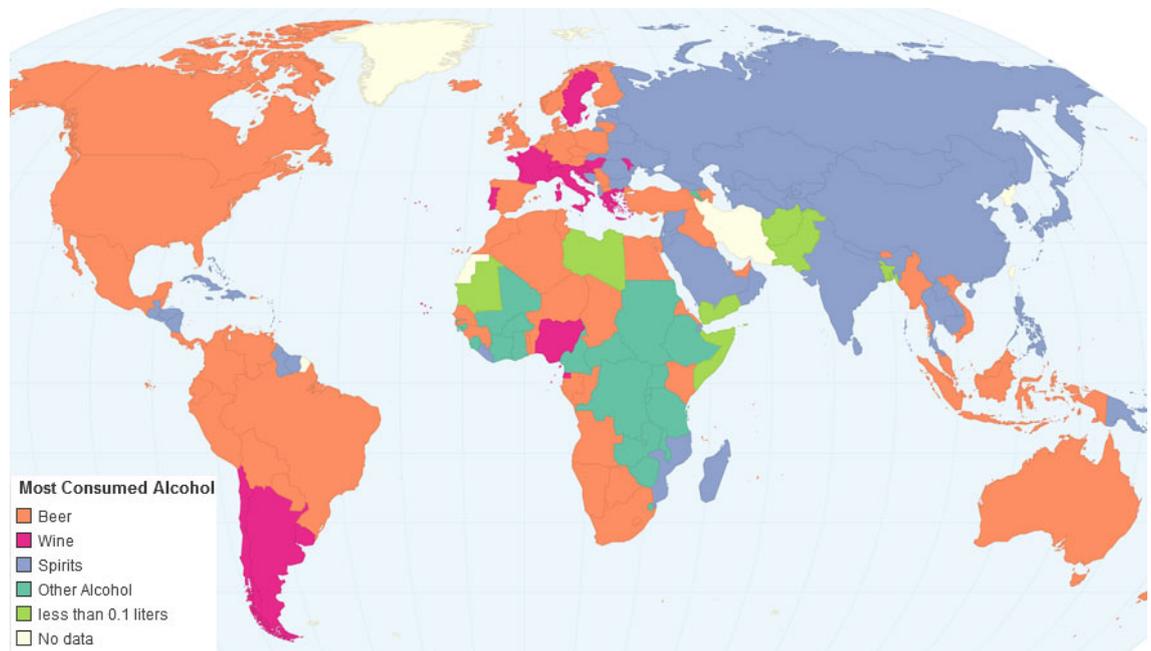
Em Milpa Alta, no almoço que selou o acordo entre as duas facções populares da revolução, Villa, o general abstêmio, cedeu à ocasião, tomando um gole de mezcal diante do convite sulista de Zapata. Poderia ser esse um daqueles fatos curiosos, que por vezes aparecem nas revoluções. Villa, um general abstêmio, apenas. No entanto, ser abstêmio numa sociedade ocidental de princípios do século XX não é algo despojado de sentido. Tanto quanto menos, no México. Se por um lado existe um quadro internacional em desenvolvimento de restrições e abstenção alcoólica, por outro há um país de larga tradição de consumo das bebidas embriagantes.

Antes de seguir um mapeamento das raízes étlicas mexicanas, devemos considerar que o período revolucionário assiste a muitas mudanças no movimento das

⁷ **Pacto de Xochimilco** (disponível em www.bibliotecas.tv e TAIBO II, Paco Ignacio. *Pancho Villa, uma biografia*. Planeta, 2007.)

⁸ SANDELS, Robert. *Antecedentes de la revolución en Chihuahua*. Historia Mexicana, Vol. 24, No. 3 (Jan. - Mar., 1975), pp. 390-402.

idéias e no aspecto da produção e industrialização, o que irá respingar nas práticas e culturas de consumo. A seguir, temos a situação da preferência alcoólica no México:



Atualmente, o México não só tem na cerveja, a sua principal bebida alcoólica consumida, como deixou de ser país importador do produto, para tornar-se um dos principais exportadores mundiais do artigo. Apesar de todos os obstáculos que uma situação de guerra civil impõe a indústria nacional, ao menos do ponto de vista de lugar ocupado nos gostos populares, é justamente às vésperas da revolução que se desenha o crescimento interno da produção e consumo. Dados levantados, por Méndez Reyes, indicam, para 1900:

Consumo per cápita (para uma população de 10 milhões de mexicanos)

Pulque – 29.4 litros

Tequila – 0.6 litros

Bebidas de graduação entre 20° e 50° GL – 20 litros

Cerveja – menos de 1 litro⁹

Se a cerveja não preenche o quesito de bebida preferida mexicana, muito menos a de bebida de tradição mexicana, por outro lado, a tabela nos indica uma boa gama de opções. O quadro a seguir vai além:

Bebidas consumidas por la población mexicana¹⁰

1880-1910

Aguamiel	Pulque de huevo
Aguardiente criollo de San Luis Potosí	Pulque de coyol
Aguardiente de frutas	Pulque de durazno
Aguardiente de uva silvestre	Pulque de guayaba
Bingarrote o binguí	Pulque de naranja
Capalotle	Sendecho
Caranghua	Pulque de piña
Cerveza	Pulque de jobo
Coyote	Cidra
Charape	Pulque de tlachique
Chicha	Quauchan, vino
Chilocle	Quebrantahuesos
Chinguirito	Revoltijo
Chiquito	Rosolí
Chuánuco	Sangre de conejo
Excomunió	Sisique o aguardiente de pulque
Guarapo	Tecuín
Mantequilla	Tecolú
Mescal	Tejuino
Mescal corriente	Tepache
Mescal de pulque	Tepache común
Mescal flojo o cola	Tepache de ciruelas pasadas
Mescal resacado corriente	Tepache de timbiriche
Mescal resacado de cola	Tepache de jobo
Mistela por alambique	Tlachique
Nochole	Tolonce
Obo	Tuba

⁹ MÉNDEZ REYES, Jesús. De Crudas y Moralidad: Campañas Antialcohólicas en los Gobiernos de la Postrevolución (1916-1931). II Congreso de Historia Económica de México, 2004. Pp. 9.

¹⁰ RECIO, Gabriela. *El nacimiento de la industria cervecera en México, 1880-1910*. Segundo Congreso Nacional de Historia Económica, Facultad de Economía de la UNAM, Ciudad de México, 27-29 octubre de 2004

Ojo de gallo	Timbiriche
Ostoche	Vino de caña
Oztoli	Vino de mescal de Guadalajara
Peyote	Vino de palmas silvestres
Polla-Ronca	Vino resacado
Ponche de pulque	Vino de salvado
Pozole	Vino tepemé
Pulque colorado	Zlizitle
Pulque de almendra	Vino de tuna
Pulque de atole (harina de maíz)	Zagardna o ponche de cidra
Pulque de chrimoya	Zambumbia
Tequila	Vino de mezquite

Segundo levantamento de Gabriela Recio, temos, para fins do século XIX, dezenas de bebidas alcoólicas consumidas ao largo do México. Devemos ressaltar que muitas são de caráter local, em produção e consumo. Praticamente, para esse período, são 3 as de caráter nacional, em índice de consumo e capacidade de circulação no mercado: pulque, tequila e mezcal. De tal modo, faremos uma reflexão sobre o estabelecimento das mesmas.

O Pulque

O pulque é uma bebida proveniente da fermentação da seiva do cacto agave. O seu uso e consumo é muito anterior ao contato com o mundo europeu. Porém, desde a chegada destes, os cronistas espanhóis deram início aos relatos, sobre aquela bebida que ocupava um importante lugar dentro das práticas dos nativos. O Frei Bernardino de Sahagún, na sua *Historia General de las Cosas de Nueva España*, destaca: “*El maguey de esta tierra, especialmente el que llaman tlacámetl, es muy medicinal por razón de la miel que de él sacan, la cual hecha pulcre se mezcla con muchas medicinas para tomarlas por la boca, como atrás se dijo; también este pulcre es bueno, especialmente para los que han recaído de alguna enfermedad, bebiéndolo mezclado con una vaina de*

*ají y con pepitas de calabaza, todo molido y mezclado, bebiéndolo dos o tres veces, y después tomar el baño, así sana; también la penca del maguey nuevo asada en el rescoldo, el zumo de este maguey, o el agua de que se coció, hervido con sal (y) echado en la llaga del que se descalabró, o del herido, de cualquier herida, sana; sina de pino y puesta con su pluma en el lugar del dolor, ahora sea gota, ahora sea otra cosa, sana; también el pulcre se mezcla con la medicina que se llama chichipatli, y hervido con ella es provechosa para el que tiene dolor de pecho, o de la barriga, o de las espaldas, o tiene alguna enfermedad con que se va secando; bebiéndola en ayunas una o dos veces, o más, sana.”¹¹ O pulque, para as sociedades mexicas, teria múltiplos sentidos. O *octli*, como era chamado em língua nahua, conhecia três tipos de usos possíveis: religioso, profano e fatal. A produção do pulque conhecia distintos níveis de qualidade. Para tanto, como levanta Sahagún, havia um uso medicinal possível, porém, esse mesmo poderia ser fatal, segundo as possibilidades de deturpações e abusos da bebida com outros aditivos.*

No uso popular, também havia restrições quanto ao consumo. Segundo Bourdieu, o gosto das elites pode servir como um torniquete de controle político.¹² Dessa maneira, o consumo profano da bebida estava controlado socialmente por regulações rituais. Existem como filtros: a faixa etária e a posição ocupada. Os mais velhos (mais de 50 anos) e os guerreiros dispunham de uma permissividade maior. Igualmente, as festas alargavam essa permissividade para grupos maiores da população. Por outro lado, os chefes contavam com restrições exemplares, reforçadas pelas mitologias de distintas sociedades mexicas.¹³

¹¹ SAHAGÚN, Frei Bernardino de. *Historia General de las Cosas de Nueva España*. Pp. 319.

¹² BOURDIEU, Pierre. *Distinction: a social critique of the judgment of taste*. Pp. 48.

¹³ VARELLA, Alexandre Camera. *A embriaguez na conquista da América: medicina, idolatria e vício no*

Toda a ritualística que embainhava as práticas de consumo do pulque, estava alicerçada no lugar de importância que este ocupava dentro da cosmologia mexicana. O pulque era tido como uma bênção da deusa *Mayahuel*, e como tal, se lhe reservava um posto de sacralidade. Contudo, o seu consumo está associado e manifestado a diversas outras deidades, fazendo assim, com que fosse artigo essencial em festividades para fins distintos: desde a colheita, passando pela iniciação dos mais jovens à *borrachera*, e, inclusive, na saudação a *Izquitechatl* (deus do fogo), quando os taberneiros sacrificavam o homem e mulher mais embriagados durante o festejo.¹⁴ Ainda sobre a simbologia dentro do mundo nahua, podemos acrescentar a manifestação da deusa do pulque como os 400 coelhos, alusivo à variedade de efeitos orgânicos (e/ou espirituais) detonados a partir da embriaguez pela bebida.

Durante a colonização espanhola, com as missões católicas para extirpar a religião mexicana, houve a quebra das regulações suntuárias do mundo pré-hispânico. O uso secular da bebida se alastrou, e a constituição das pulquerías servira também como um espaço de resistência à própria colonização; como lugar onde não valia a lei espanhola, o lugar da embriaguez. Como expresso por um ditado popular: “*Abraham cuando murió, dejó escrito en sus leyes, el pulque es para los hombres, y el agua para los bueyes.*”, baixo às duras condições do mundo colonial, o pulque fora elevado a substitutivo da água potável, durante o período de estiagem (outubro a maio). O período de seca englobaria as duas principais festas sacras: natal e páscoa. Além disso, o uso do

México e Peru, séculos XVI e XVII. Editora Alameda, 2013.

¹⁴ MANCERA, Sonia. *El fraile, el indio y el pulque: embriaguez en la Nueva España (1523-1548)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

pulque para hidratação dispunha de uma vantagem sobre a água: a maior resistência contra a contaminação.¹⁵

Ao longo dos quase três séculos de colonização, houve uma contínua dessacralização do pulque, e a sua consagração como bebida mexicana mais antiga. Contudo, o seu consumo esteve bastante limitado pela conservação e capacidade de circulação e distribuição, ficando assim, mais restrito às áreas produtoras. A parte disso, também com os espanhóis, aportaram na América as técnicas de destilação.

Os Destilados: mezcal, tequila e sotol

Embora os mexicas desconhecessem as técnicas de destilação, e acertadamente se atribua aos espanhóis a sua chegada na Nova Espanha, a afirmação das mesmas na própria Europa é contemporânea ao processo de colonização. Tais técnicas estão sendo desenvolvidas a fins da era medieval, e se consolidariam apenas no século XVII. O conhaque, whisky e gim levaram anos para terem seu processo produtivo formatado.¹⁶ Do mesmo modo se dará na América. William Taylor aponta para o século XVIII a consolidação e crescimento dos destilados.

Dentre os destilados mexicanos, o primeiro, ou mais antigo, é o mezcal. Do idioma nahua, *metl izcalli*, ou, maguey cozido. Produzido a partir do cozimento da piña do cacto agave azul (são reconhecidas 20 variedades de agave possíveis para sua

¹⁵ TAYLOR, William B. *Drinking, Homicide, and Rebellion in Colonial Mexican Villages*. Stanford University Press, Stanford, California, 1979. Pp. 57.

¹⁶ FISHMAN, Ross. *Alcoolismo. Tudo sobre drogas*. Nova Cultural. São Paulo, 1987. pp. 25.

produção). Esse processo inicial era já praticado no período pré-hispânico, no entanto, a destilação do produto fermentado desse cozimento, é incorporada já em tempos coloniais. Atualmente, se destaca na produção do mezcal o estado de Oaxaca, e a sua produção segue de maneira totalmente artesanal.

No século XIX, na região de Tequila (estado de Jalisco), se desenvolve um outro tipo de vino¹⁷ de mezcal. Segundo Gutiérrez: *“No podemos asegurar que en el siglo XIX, en la región de Guadalajara, fuera de uso común entre la población, la expresión tequila para referirse a la bebida resultante de la destilación del mezcal elaborado con la planta de maguey de la zona. No obstante, a lo largo de este siglo la singularidad del vino mezcal elaborado en estas tierras fertilizadas por la acción del volcán que las domina, fue el fundamento de la especialización productiva del espacio agrícola y del nacimiento de una próspera economía. Con anterioridad, la producción de vino mezcal era práctica común en la región de Tequila en abierta competencia con otras bebidas alcohólicas [...] sólo el ‘vino mezcal’ de Tequila se comercializaba más allá de sus límites territoriales bajo la denominación de origen “de Guadalajara”, lo cual pone de manifiesto su primacía y singular naturaleza, frente a mezcales de otras zonas que no adoptan el nombre de su lugar de procedencia”*.¹⁸ Assim como o mezcal, o¹⁹ tequila usa como matéria-prima o cacto agave azul, tratando-se apenas de uma variação local, *agave tequilana*. Contudo, as distinções de sabor, se devem à influência do solo

¹⁷ *Vino* aqui não se entende em relação ao fermentado da uva, mas uma acepção mais ampla da palavra, empregada desde os primórdios da colonização na Nova Espanha.

¹⁸ GUTIÉRREZ, Maria del Pilar. FUENTES PARA EL ESTUDIO DEL VINO MEZCAL EN LA POBLACIÓN DE TEQUILA (JALISCO).SIGLOS XVIII Y XIX. 2003

¹⁹ A palavra é masculina.

vulcânico da região, e da adequação do processo produtivo ao modelo industrial, se utilizando de aditivos químicos no processo.

Tendo em vista que o olhar dessa pesquisa é muito voltado aos estados do Norte do México, devemos passar também por dois outros destilados nortistas, da mesma família do mezcal e do tequila. No estado de Sonora, existe a produção tradicional, de processo similar ao do mezcal, do bacanora. Feito a partir do cacto *agave vivipara*. Enquanto isso, no estado de Chihuahua, se produz o sotol, também de processo análogo, mas a partir do cacto *Dasyllirion wheeleri*. Aparentemente, foi desenvolvido pelos índios rarámuris, na modalidade fermentada. Já na sua faceta destilada, os tarahumaras, outro grupo nativo, passara a utilizá-lo de modo medicinal, em ação com plantas locais.

Tendo assentado as raízes e medidas dos gostos etílicos mexicanos, podemos retornar a contemporaneidade. Observamos para os antecedentes da Revolução Mexicana, um quadro de ruptura, onde uma bebida exógena, a cerveja, está buscando crescer e se afirmar no mercado e cultura. Num cenário de guerra civil, poderíamos encontrar um embate entre cerveja e os destilados nacionais? Poderíamos ver um confronto entre as tradições mexicanas de beber e as inovações porfirianas industriais? É possível enxergar um contrassenso entre a disciplina militar dos exércitos revolucionários, e federal, e os abusos da embriaguez? Ou ainda, pode-se pensar em um duelo entre os costumes populares mexicanos e o ideário modernizante e regulador? Esses e outros questionamentos nos guiarão em uma reflexão acerca da questão alcoólica dentro da Revolução Mexicana e da Divisão do Norte.

Metodologia

Para o cumprimento das pretensões deste projeto de pesquisa, existe um rico manancial de possibilidades de fontes a serem utilizadas. No entanto, se selecionará aqui uma parcela destas, entendida como de alcance mais viável. Tal seleção propõe focar em parte da literatura produzida no México dentro do recorte cronológico assinalado (década de 1910, e sobre os anos de 1910 nas décadas seguintes). Certamente não toda a literatura produzida no período será abarcada, mas aquela que trata sobre eventos relacionados à Revolução, assim como de personagens revolucionários. São de interesse alguns contos, como, por exemplo, os de Rafael Muñoz que tratam do general Rodolfo Fierro. Mariano Azuela e Nellie Campobello são outros autores que emprestam lugar em suas páginas aos hábitos e costumes dos homens da Divisão do Norte e das populações que viviam em área de jurisdição villista. Sendo assim, é possível verificar certas práticas quanto à apreciação de bebidas alcoólicas na cultura popular nortista através da literatura.

Uma segunda forma de composição do corpus documental a ser trabalhado ao longo da pesquisa, será a análise de biografias de algumas das figuras emblemáticas da Divisão do Norte, quanto ao consumo de bebidas alcoólicas. Os éditos de lei seca expedidos em determinados momentos do processo revolucionário resultavam em choque com as práticas de vários soldados, e isso pode ser encontrado, sobremaneira, nos generais Tomás Urbina e Rodolfo Fierro, dois dos mais fiéis ao comandante Villa, porém com sérios problemas de alcoolismo. As fontes biográficas podem ser muito caras no oferecimento das dinâmicas de sociabilidade cotidianas, e principalmente, dos choques oriundos da marcante presença das bebidas alcoólicas em uma sociedade que se encontrava em cenário de guerra civil.

Parte de tais choques provinha de certas políticas locais de curto prazo. Em território baixo administração villista foi comum a promulgação de éditos e decretos proibindo a ingestão e/ou venda de bebidas alcoólicas, sujeito à pena de execução em alguns casos de descumprimento. Parte destes documentos foi consultada, e passam a integrar o corpo a ser analisado: a regulamentação para a venda de bebidas, telegramas consulares, entre outros.

Durante a Revolução, parte dos grupos revolucionários não só interagiu com a bebida alcoólica através do consumo, mas houve intervenção no processo produtivo. A Companhia Cervecera de Chihuahua foi fonte de renda para a Divisão do Norte. Como citado em Katz²⁰, foi consultada a coleção Silvestre Terrazas na biblioteca da Universidade de Berkeley, na Califórnia. Nessa coleção estão os documentos referentes ao período que estivera encarregado das administrações da Divisão do Norte em Chihuahua. Com o acesso a tal documentação, é possível transpor a uma dimensão econômica da revolução: o financiamento do exército revolucionário a partir da exploração de bebidas alcoólicas, no caso a cerveja; para além da dimensão cultural do consumo e das formas de consumo da mesma.

Para lidar com toda essa documentação diversa, será necessário por em diálogo a produção historiográfica local, que versa sobre as questões aqui abordadas, com uma historiografia de discussão mais global, quer de aspectos epistemológicos, quer sobre a Revolução como um campo de estudo em si.

É muito comum nos estudos da Revolução Mexicana uma análise mais voltada para o Estado, ora pautada pela sucessão de presidentes, ora direcionada a taxar o

²⁰ KATZ, Friedrich. “*Pancho Villa, los movimientos campesinos y la reforma agraria en el norte de México.*” In: BRADING, D.A. *Caudillos y campesinos em La Revolución Mexicana*. México; Fondo de Cultura Económica, 1985.

processo revolucionário como derrotado por não terem tomado o poder central nenhuma das duas principais lideranças populares (Villa e Zapata). Essa tendência é nomeada de estadolatria por Alan Knight.²¹

Para além das análises dos próprios envolvidos no processo da revolução mexicana, seja direta ou indiretamente²², o primeiro corpo de interpretações, encabeçadas por Frank Tannembaum lia-o como um levante popular, agrarista e nacionalista. Desde lá se escreveriam algumas marcas que perseguem o fenômeno mexicano: a falta de plano, de programa revolucionário; levado a cabo por uma classe popular homogênea; e a unidade e continuidade. Mesmo com o incremento posterior da história regional, prevaleciam essas características analíticas: uma só revolução. Na tentativa da desconstrução e da revisão do processo, uma série de historiadores de gerações posteriores, sobretudo a partir dos anos 1960, passam a reinterpretá-la sob distintas óticas²³.

Nos anos 1980, uma nova leva de historiadores passa a contestar parte destas interpretações, pelo seu exercício um tanto quanto forçado apenas na direção de rever e desconstruir a primeira versão. O grande modelo revolucionário para o século XX foi o russo. Ingratamente, o processo mexicano foi anterior e contemporâneo, mas tinha poucos paralelos com aquele.²⁴ A partir dos moldes da Rússia, passou-se a olhar para o México julgando-o pelo não enquadramento na fôrma. Como não encaixava perfeitamente, uma das culpas era da falta de projeto dos mexicanos. Aponta Alan

²¹ KNIGHT, Alan. “*Caudillos y campesinos en el México revolucionario, 1910-1917.*” In: BRADING, D.A. *Caudillos y campesinos em La Revolución Mexicana*. México; Fondo de Cultura Económica, 1985.

²² Em outras palavras: ex-revolucionários, burocratas, cónsules e diplomatas de outros países, etc.

²³ BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución Mexicana*. Fondo de Cultura Económica, 2004.

²⁴ TOBLER, Hans Werner. *La Revolución mexicana: algunas particularidades desde un punto de vista comparativo*. Revista Mexicana de Sociología, Vol. 51, No. 2, Visiones de México (Apr. - Jun., 1989),pp. 151-159.

Knight outro pressuposto recorrente no olhar para a revolução mexicana: o eurocentrismo, ou até o francocentrismo presente nas comparações de François-Xavier Guerra e Jean Meyer²⁵.

Diante da insuficiência da divisão clássica da sociedade em “classes sociais” da teoria marxista, para a leitura dessa realidade histórica, novamente Knight propõe uma outra tipologia, que se apresenta interessante. Em “La Revolución Mexicana: del porfiriato al nuevo régimen constitucional”, 1986, o autor identifica dois grupos opostos ao *porfiriato*: os *serranos*, os grupos nortistas, mais acentuadamente de Chihuahua, que não eram essencialmente camponeses, mas que partilhavam da luta pela terra e autonomia; e os *agraristas*, os grupos estritamente camponeses que lutavam pela questão da terra.²⁶

Durante a ditadura porfirista, a centralização de poder, juntamente com o favorecimento de uma pequena parcela do empresariado nacional associado aos capitais estrangeiros no reordenamento da economia mexicana, gerou uma oposição das elites (sobretudo nos estados do norte) que estavam sendo alijadas de poder político e econômico. Por outro lado, esse mesmo processo também avançava de encontro ao despojo dos camponeses de sua terra, e da considerável piora de sua qualidade de vida. Esses dois grandes grupos, afetados pelas mudanças de Porfírio, encontrarão acordo na oposição ao “inimigo comum” durante a primeira etapa do processo revolucionário, a chamada *etapa maderista*.

Entretanto, a partir de 1913, e principalmente 1914, com o marco da *Convenção de Aguascalientes*, as diferenças entre os fatores motivadores que puseram esses dois

²⁵ KNIGHT, Alan. *Interpretaciones recientes de la Revolución mexicana*. Secuencia, num 13, 1989.

²⁶ KNIGHT, Alan. *La Revolución Mexicana: Del Porfiriato al nuevo régimen constitucional*. Fondo de Cultura Económica.

grupos em armas ganhariam mais peso, e se distanciariam bastante nas proposições para o país, com a construção da oposição: projeto *constitucionalista* – Plano de Guadalupe x projeto *convencionista* – Plano de Ayala. A partir dessa divisão da sociedade mexicana no período revolucionário, ou ao menos daqueles grupos que se opunham ao regime vigente, se apresenta também duas formas distintas de ver a questão da terra e da autonomia local.

Levando em consideração esse fato, o presente trabalho objetiva mostrar em escala local e regional como se davam as formas de cultura popular mediadas pelo consumo de álcool, e as conseqüências deste consumo. Ver e entender a sociabilidade dessas populações em meio ao tabuleiro revolucionário e ao quadro de guerra civil que se estendeu por praticamente uma década inteira. Certamente, aparecem outros elementos secundários nesse bojo; as touradas, brigas de galo, jogos de aposta dos mais variados, prostituição estarão em cena quando há bebida alcoólica como agente de interação social; quer no meio urbano, quer no meio rural.

Tendo em vista as especificidades de cada localidade, se explorará os aspectos peculiares e os aspectos comuns dessas formas de sociabilidade, respeitando os hábitos, preferências e gostos de consumo de bebidas segundo as regiões, no sentido de encontrar as continuidades de uma cultura popular comum mexicana durante a revolução.

Edward Thompson nos traz reflexões acerca da história cultural. Segundo Thompson a nova história cultural é fruto das influências das leituras de antropologia na história. Ela surge do fato de que os historiadores possuíam questões que não podiam ser respondidas pela historiografia, desta forma os historiadores buscaram respostas na antropologia. Este diálogo com a antropologia levou a emergência de um novo paradigma e a possibilidade da fuga de oposições binárias para compreender

determinado período histórico. Porém, o autor ressalta a importância de contextualizar os conceitos antropológicos. Para ele, a aplicação irrefletida dos conceitos antropológicos ao trabalho do historiador pode induzir o historiador ao erro de tentar encaixar suas fontes nos conceitos, enquanto o que deve ser feito é usar os conceitos para olhar as fontes: “Para nós, o estímulo antropológico se traduz primordialmente não na construção do modelo, mas na identificação de novos problemas, na visualização de velhos problemas em novas formas, na ênfase em normas (ou sistemas de valores) e em rituais, atendendo para as expressivas funções das formas de amotinação e agitação, assim como para as expressões simbólicas de autoridade, controle e hegemonia.”²⁷

Além do aporte metodológico thompsoniano para guiar as reflexões e leituras das dinâmicas culturais, se utilizará como amparo teórico-analítico, uma historiografia que se pretende uma revisão do revisionismo²⁸: Alan Knight, Friedrich Katz, Hans Werner Tobler. Tal historiografia, com seus limites, realiza o processo mexicano como uma revolução social, a diferença de outros trabalhos. E enxerga em si mudanças sociais informais para além das formas legais, o que soa extremamente caro a construção das pretensões desta dissertação

²⁷ THOMPSON, Edward. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora Unicamp, 2001

²⁸ BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución Mexicana*. Fondo de Cultura Económica, 2004.

2 - HONRA, TEQUILA E PÓLVORA: Práticas alcoólicas e violência cotidiana na Revolução Mexicana

2.1 – Violência revolucionária; violência na revolução

Em novembro de 1913, a Divisão do Norte, comandada pelo General Francisco Villa, retomava Ciudad Juárez para o lado do Exército Constitucionalista. Depois da reorganização pós-combate, o estabelecimento da nova “capital do villismo” contaria com a legitimação da visita do prefeito de El Paso (cidade texana fronteiriça). E na seqüência, o reconhecimento viria de outra autoridade estadunidense. O jornalista John Reed, presente na cobertura da Revolução, assim registrou o episódio:

“O General Hugo L. Scott, que comandava as forças americanas em Fort Bliss, remeteu a Villa um folhetim com as ‘Regras de guerra’ adotadas pela Conferência de Haia. Villa passou várias horas esquadrihando o folheto, que o interessou e o divertiu muito. Disse:

-Que é a Conferência de Haia? Havia algum representante do México lá? Alguém estava representando os constitucionalistas? Parece-me engraçado fazer regras sobre a guerra. Não se trata de um jogo. Qual é a diferença entre uma guerra civilizada e outra qualquer? Se você e eu brigamos numa cantina, não vamos tirar da algibeira um livrinho para ver o que dizem as regras. Diz-se aqui que não se pode usar

*balas de chumbo; não vejo por quê. Tem o mesmo efeito que as outras.”*²⁹.

Segundo o historiador Paco Ignacio Taibo II, na biografia de Villa, o episódio das “Regras de guerra” também está registrado no jornal *El Paso Times*.

Durante a tomada de Juárez, a Divisão do Norte fez cerca de 700 prisioneiros de guerra, e houve certa comoção na imprensa e entre algumas outras lideranças constitucionalistas sobre os possíveis fuzilamentos e execuções que poderiam vir por parte de Villa. Porém, dentre as centenas de capturas, são decretados apenas o fuzilamento de 11 oficiais (6 oficiais federais e 5 oficiais *colorados*³⁰). Reed registra ainda que, tempos depois, o general, ainda remoendo as “Regras de guerra” do documento de Haia, justificava suas escolhas da seguinte forma: “[sobre os *colorados*] São peões como os revolucionários e nenhum peão deve estar contra a causa da liberdade, a menos que seja um corrompido. [...] [e sobre os federais] São homens educados e devem saber o que fazem.”³¹. Tal raciocínio não se aplicava as baixas patentes, que na maioria das vezes eram anistiados, e até, em muitos casos, incorporados às filas da Divisão.

Para entender a lógica da violência revolucionária, antes é necessário compreender a lógica militar por trás dos revolucionários. Pedro Salmerón define:

“La Revolución mexicana se libró cuando el paradigma dominante en el pensamiento militar concebía la guerra como acto de violencia para imponer la voluntad, mediante el máximo

²⁹ REED, John. México Rebelde. p. 119.

³⁰ *Colorados*: os batalhões mobilizados originalmente pelo Partido Liberal Mexicano, mas que, descontentes com a lentidão da causa agrária no governo de Madero, tomaram o lado dos antigos federais.

³¹ REED, John. México Rebelde. p. 119.

despliegue de fuerzas, lo que implicaba la total fuerza política, económica y militar de un Estado. Los objetivos de este despliegue de fuerza eran políticos en última instancia. Sobre esta concepción de la guerra hay una serie de tácticas generalmente aceptadas en víspera de la Primera Guerra Mundial, que derivan de la generalización del uso del fusil rayado de retrocarga, con tambor o revólver que permitía disparar seis u ocho balas antes de volver a cargar. Las armas usadas durante la Revolución mexicana, [...] tenían un alcance efectivo de hasta 3000 metros para el fusil máuser v7 mm de infantería y hasta 2 000 para la carabina 30-30, dominante en la caballería. Si a la eficacia del fusil le añadimos la introducción de la ametralladora, entenderemos la potencia de tropas de voluntarios irregulares y de la formación dispersa, sobre la infantería federal, cuyos mandos no terminaban de asimilar las nuevas realidades de la guerra. Este tipo de formación exigía confiar en el valor y la iniciativa del soldado individual, además de que también simplificaba el entrenamiento básico.”³².

Salmerón demonstra como a natureza de formação dos exércitos revolucionários lhes garantia certa superioridade sobre os corpos federais. Hans Werner Tobler³³, analisando o exército revolucionário como instituição em si, apresenta outros aspectos; como as

³² SALMERÓN, Pedro. *Sayula: la última gran victoria de la División del Norte Un ejercicio de historia-batalla*. p. 7-8.

³³ TOBLER, Hans Werner. *Las Paradojas del Ejército Revolucionario: su papel social en la reforma agraria mexicana, 1920-1935*.

contradições entre garantir as demandas sociais e atender a interesses mais imediatistas por exemplo.

Cruzando os dois autores, podemos concluir que os exércitos revolucionários, e seus membros, são forjados no próprio processo, não carregando uma lógica militar em si. E são eles a instituição básica que garante a Revolução, antes que qualquer outra de caráter político. Dessa maneira, as lideranças militares revolucionárias também obedecem a essa premissa; salvo uma ou outra exceção como o general Felipe Ángeles, ex-militar de carreira. A violência a se empregar durante as campanhas revolucionárias, e após, partiam de um *modus operandi* em formação. As condições conjunturais e os ranços com o regime porfirista eram os principais ponteiros a determinar o que fazer com o inimigo. À medida que o tabuleiro revolucionário vai se fraturando, esse processo se complexifica, e esses procedimentos para lidar com a violência seguirão linhas distintas para cada facção. A fim de exemplificar, os batalhões constitucionalistas de Manuel Diéguez e Francisco Múgica³⁴, em geral, exterminavam todos os soldados adversários mesmo após a tomada da praça em questão; a Divisão do Norte de Villa faz prisioneiros, mas por outro lado, tem conduta duríssima para os considerados traidores.

Contudo, sem dúvida, a violência no México, durante os anos revolucionários, não se restringia entre os grupos militares distintos, em combate, ou após ele. Em um cotidiano belicoso, e contando com milhares de homens armados, a violência também estava presente no dia a dia, mesmo entre aqueles que defendiam a mesma causa ou bandeira. Porém, outros tipos de violência entrarão em cena a partir da influência de fatores como o consumo alcoólico e a defesa da honra e da valentia.

³⁴ Os dois são protagonistas no estudo de caso de SALMERÓN.

2.2 – Beber: prática apreciada, vício indesejado

A formação do cenário étlico mexicano é anterior ao contato com o mundo externo, os espanhóis, os europeus. Segundo Sonia Mancera, os usos do *octli* (nome do pulque em *nahuatl*) se dão em 3 dimensões: o uso religioso, a embriaguez ritual (*tlauana*); como bebida popular, o uso profano, e em muitos casos, condenado como abuso; e finalmente como bebida fatal. A autora expõe como há dois espaços de consumo da bebida: o pulque envelhecido, de alta fermentação, destinado ao uso ritual, onde se entendia a *borracheria* como momento de possessão do corpo pelos deuses; e o uso cotidiano do *huitztl* (nesse caso o pulque de baixa fermentação) como complemento da alimentação, ou mesmo em forma medicinal. A ingestão do pulque “ritual” fora de situação é percebida como problemática não por conta da perda da razão, mas sim pela transgressão da norma. A sociedade azteca construía socialmente os espaços de permissividade da embriaguez, seja religiosa – a *Izcalli* (festa do deus do fogo), seja profana – a *Ixcozauhqui* (bebedeira irrestrita).³⁵

Com a conquista espanhola do território que se conformaria colonialmente como Nova Espanha, vieram os catequistas do cristianismo católico ao “novo mundo”. Segundo Alexandre Varela, os missionários, chegando ao continente americano, viram não só nas idolatrias e religiões nativas a presença do diabo, mas também as práticas embriagantes pareciam a eles manifestações demoníacas.³⁶ Porém, sem dúvida houve um conflito (interno a suas concepções) de como lidar com a situação. Afinal, o consumo do vinho era comum aos espanhóis, e destacadamente entre os religiosos.

³⁵MANCERA, Sonia. El fraile, el indio y el pulque: embriaguez en la Nueva España (1523-1548). México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

³⁶VARELLA, Alexandre Camera. *A embriaguez na conquista da América: medicina, idolatria e vício no México e Peru, séculos XVI e XVII*. Editora Alameda, 2013.

Estes ocupavam lugar na produção das bebidas, e tinham nessas, fontes importantes de nutrientes, tendo em vista a dieta da época moderna, e as restrições de jejum do mundo monástico. Mancera destaca como a legitimação, e a respectiva deslegitimação, do uso e consumo de bebidas de tipo embriagante fez-se através da distinção racial. De como os pensadores religiosos justificavam a diferença de relação dos dois povos com as bebidas alcoólicas através das “qualidades” dos espanhóis e dos “defeitos” dos indígenas: a “boa medida” dos europeus lhes permitia fazer bom uso dos fermentados como complementos da dieta, e até mesmo o uso sagrado, como no caso do vinho representativo do sangue de Cristo; enquanto que os nativos usavam-se das bebidas apenas como forma de embriaguez e festejo, e dessa forma, como manifestação da presença diabólica. Varella reforça esse aspecto distinguidor e avança na direção de que os religiosos, no entanto, souberam decantar as possibilidades de atribuição medicinal das práticas alcoólicas e alimentícias nativas, e perceberam e ressignificaram estas. Separando, desse modo, quando da embriaguez puramente, e quando da possibilidade de alguma finalidade útil à vida cristã.

Avançando a outras dimensões dessa relação, William Taylor ressalta a centralidade do ato de beber nas sociedades indígenas no México pré-hispânico. Para o período colonial, sua análise ressalta a inter-relação entre bebida alcoólica (no caso, pulque) e violência, esta configurada em duas formas: homicídio e revoltas camponesas.³⁷ A cultura de consumo desta bebida está intimamente ligada à própria jornada de trabalho em si. Sendo assim, os membros da família que se dispõem no trabalho cotidiano da agricultura são os que terão a ingestão do pulque como rotina. Além de ocupar uma função, em certa medida, ritual, o pulque tem uma posição bem delimitada na labuta diária do camponês indígena do México central e do sul; é como

³⁷TAYLOR, William B. *Drinking, Homicide, and Rebellion in Colonial Mexican Villages*. Stanford University Press, Stanford, California, 1979.

um estimulante para dar continuidade à jornada de trabalho. E como sua produção é dada de maneira bastante artesanal, muitas vezes, a sua ingestão acontece em direção ou ao longo do espaço de realização das tarefas campesinas.

Uma vez posto os aspectos da dimensão produtiva da bebida, e demarcadas as suas fronteiras de consumo como uma atividade essencialmente masculina, dada a relação atrelada a certas modalidades do mundo do trabalho, podemos passar aos aspectos do conflito para o México colonial. Para além das disputas no âmbito do simbólico entre o mundo espanhol estabelecido na colonização do território americano e os entendimentos cosmológicos nahuas e mayas do uso dessas bebidas, há, durante o período colonial, na Nova Espanha, as dimensões mais brutas e mais cruas do conflito disparado a partir do consumo alcoólico, excessivo ou não. Como demonstra Taylor, esse disparo se dá em duas direções: a criminalidade, traduzida sobretudo em homicídios, vista a partir do olhar penalizador espanhol como oriunda dos excessos alcoólicos (a *borrachera*) dos indígenas; e a forma relacional dos aborígenes com a bebida amarrando o consumo desta com revoltas camponesas nas vilas coloniais mexicanas. Segundo o autor, em exaustivo levantamento documental, o álcool consta como motivador de 26,7% dos homicídios do México central em meados do século XVIII. Porém, se ampliamos o olhar para crimes além do homicídio, esse percentual pode subir a 60%. Mesmo que em muitos casos o motivador da criminalidade possa resvalar para outros aspectos, o álcool, tal qual seus excessos, está presente, como no caso de cobrança de dívidas ou da rinha de galos, por exemplo.³⁸ A dureza da vida colonial para o indígena comum hiperdimensiona a possibilidade do refúgio no álcool como espaço do lazer e desafogo de seus problemas.

³⁸ TAYLOR, William B. *Drinking, Homicide, and Rebellion in Colonial Mexican Villages*. Stanford University Press, Stanford, California, 1979.

Para a esfera da revolta, George Rudé nos demonstra que a lógica especulativa, ou se quiser, a lógica do armazenamento, é contra a lógica tradicional camponesa.³⁹ E como dessa forma, esse encontro de lógicas distintas de funcionamento e organização pode ser um detonador de conflitos e, sobremaneira, revoltas no mundo rural. Já Thompson, desenvolvendo o conceito de “economia moral” da multidão, nos recorta como ocorre a reação das populações camponesas às imposições externas, quer de taxaões, quer de outras normas de ordenamento alheias ao mundo camponês.⁴⁰ Os dois autores analisam, respectivamente, França e Inglaterra, no entanto são caros a entender este contexto mexicano. O levantamento do estudo de Taylor somado a esses modelos analíticos da violência coletiva pode nos facilitar a compreensão de como a regulação externa espanhola, quanto ao pulque e quanto à bebida de maneira geral, pode ser uma variável importante na mobilização dos camponeses em protestar. É claro, que o protesto do camponês mexicano ao longo da época colonial não se faz pelo simples fato de poder beber como melhor lhe aprouver. Mas esse se trata apenas de um indício importante do choque dos modos de vida que disputam espaço pela permanência e sobrevivência dentro do mundo colonial.

A dimensão conflitiva do pulque, ou melhor dizendo, sua capacidade como catalisador de conflitos, no entanto, não é exclusividade do período moderno, ou do México colonial. No século XIX, o México já independente ainda teria nas práticas alcoólicas ligadas a esta bebida um espaço de disputa e embate. A fins do século, passara a ser tema de preocupação os altos índices de alcoolismo no perímetro urbano. *Los científicos*, grupo que dava suporte político e molde ideológico ao regime de Porfírio Díaz, começam uma caça às *pulquerías* do distrito federal. Tendo em vista uma

³⁹ RUDÉ, George. *A Multidão na História, Estudos do Movimentos Populares na França e na Inglaterra 1730-1848*. Editora Campus.

⁴⁰ THOMPSON, Edward. *Costumes em Comum*. São Paulo, Companhia da Letras, 1998.

reforma sanitária que higienizasse a capital mexicana, eles tinham em conta esses espaços como antros da degeneração da raça mexicana. Segundo Claudia Agostoni, Julio Guerrero e outros intelectuais da elite viam esses lugares como obstáculos à civilização do México. A autora ainda levanta que, na virada para o século XX, o número de *pulquerías* por habitante é 30 vezes superior ao de padarias, por exemplo.⁴¹

Contudo, como a própria autora ressalta, esse processo de modernização e higienização da cidade do México se dá de maneira dual: uma cidade para as elites, e uma cidade para as classes populares. Tal qual a divisão social do espaço urbano segundo a condição de classe, as políticas quanto às práticas alcoólicas também encontravam caminhos distintos por esse mesmo preceito. As perseguições aos espaços de embriaguez eram às *pulquerías*, o espaço de socialização (e embriaguez, é claro) dos populares. Por outro lado, a política de taxação, outra forma de coibir o alcoolismo, igualmente recaía sobre o pulque, a tequila e o mezcal, enquanto que a cerveja era percebida tributariamente na categoria de “não-alcoólico”, por não superar a graduação alcoólica de 6%⁴². E nesse sentido, é importante lembrar que, somente ao longo da primeira década do século, essa bebida passa a figurar dentre as práticas de consumo alcoólicas das classes populares. Até a virada do século, o consumo da cerveja está restrito às elites.

Conforme levantamento de Gabriela Recio, para as décadas anteriores à Revolução, havia um vasto rol de opções para as práticas de sociabilidades alcoólicas e dezenas de bebidas produzidas localmente, embora prevalecessem como as bebidas mais populares o pulque, a tequila e o mezcal. Por outro lado, a cerveja, como a autora

⁴¹ AGOSTONI, Claudia. The Expansion and Diagnosis of the City. In: Monuments of Progress. Modernization and Public Health in Mexico City , 1876-1910. Alberta: University of Calgary Press, 2003.

⁴²MÉNDEZ REYES, Jesús. De Crudas y Moralidad: Campañas Antialcohólicas en los Gobiernos de la Postrevolución (1916-1931). II Congreso de Historia Económica de México, 2004.

demonstra, era reservada aos consumidores mais abastados, uma vez que a produção local era artesanal e pequena, e a maior parcela do mercado pertencesse às importadas de Estados Unidos, Alemanha e Grã Bretanha. O processo, no México, de substituição de importações, e de inversões de capitais nacionais, para o caso da indústria cervejeira, é justamente a fins do século XIX e na primeira década do século XX. Além de várias pequenas e médias cervejarias espalhadas pelo país, quando do levante maderista em 1910, já existe um barateamento do produto no mercado local a partir da produção de grande porte das cervejarias Cuauhtémoc, Moctezuma, Toluca e Chihuahua. Com o acesso mais fácil ao produto, a cerveja ganha espaço no gosto dos mexicanos, principalmente nos estados do norte⁴³.

Sendo assim, durante os anos revolucionários, além das três tradicionais bebidas mexicanas, a cerveja se agrega no quadro de consumo. A dura realidade das batalhas resguardará o álcool como a mais acessível e barata forma de prazer e descontração. Para enfrentar as longas jornadas dos deslocamentos de tropas e, muitas vezes, o frio e a neve, algumas doses de tequila ou aguardente eram provisão básica. No entanto, o uso do álcool pelos revolucionários não estava condicionado simplesmente por uma lógica utilitária. Podia ser um refúgio para as desolações da campanha revolucionária ou mesmo um vício de consumo. Os seus excessos não eram incomuns e, tal qual nos períodos anteriores, a embriaguez causava problemas.

As lideranças das facções revolucionárias, não só tinham que orientar militarmente, como também tinham outras preocupações com a integridade de seus combatentes. Porém, quando se tratando dos abusos do álcool, em muitos casos, o próprios generais eram os protagonistas. Não são poucas as situações registradas pela

⁴³RECIO, Gabriela. *El nacimiento de la industria cervecera en México, 1880-1910*. Segundo Congreso Nacional de Historia Económica, Facultad de Economía de la UNAM, Ciudad de México, 27-29 octubre de 2004.

imprensa, pela literatura, e pelas memórias e biografias de veteranos, onde os oficiais de alta patente estão envolvidos em bebedeiras, e nas suas respectivas conseqüências. Os destemperos ébrios podiam resultar em distintos efeitos negativos do ponto de vista militar. Usando o caso da Divisão do Norte, encontramos duas situações exemplares dessas possibilidades.

Um dos pontos perniciosos da embriaguez de oficiais é que, oficiais carregam informações especiais, e no estado alterado, podem revelá-las a quem não interessa. Taibo II relata um ocorrido desse tipo. O major Rafael Mendoza, dos *Dorados*⁴⁴, foi capturado bêbado, e revelou ao general inimigo a localização da munição que Villa mantinha escondida para usar na próxima campanha. Com a revelação, foi libertado e fugiu para os Estados Unidos. O fato não seria tão singular não fosse o antecedente. Mendoza só obtivera tal informação, por ocasião de uma bebedeira com Martín López, membro do Estado-maior.⁴⁵ No entanto, se a entrega da munição guardada em segredo ao exército adversário é um forte golpe para um grupo revolucionário, igualmente complicado é a perda de homens de comando em véspera de batalha.

Podem não ter sido poucas as vezes que generais se embebedaram prestes a combater. Porém, nenhum caso é tão espetacular quanto o do general Rodolfo Fierro. Um dos homens fortes do villismo, não só era um dos generais mais fiéis, como também trata-se de uma das mais importantes e eficientes lideranças militares da Divisão do Norte. Depois das consecutivas derrotas em *El Bajío*, e da queda de Aguascalientes para o avanço do Exército Constitucionalista, Villa tentaria uma manobra desesperada em salvar as forças da Convenção, atacar em Sonora, a grande base da Divisão do Noroeste, de Obregón. A maior parte das tropas já se reunia no local marcado como concentração para a campanha. Dentre os que faltavam, a brigada de cavalaria de Fierro. Fazia frio, e

⁴⁴ *Dorados*: corpo da guarda pessoal do Gal. Francisco Villa.

⁴⁵ TAIBO II, Paco Ignacio. Pancho Villa, uma biografia. p. 652.

o general usava a tequila como substitutivo ao cobertor. Liderando a vanguarda da brigada, alcançaram *La Laguna de los Morrones*, e Fierro já embriagado não quisera dar a volta na laguna, mas cruzá-la. Meteu-se montado na água, a égua afundou. Saiu nadando e pediu outra montaria. Tentou uma vez mais e acabou afogado, bêbado e afogado. A Divisão do Norte perdera um de seus principais generais às vésperas de uma última tentativa de reabilitar a Convenção. Não haveria momento pior. O evento está registrado nas memórias de Adán Mantecón Pérez, dentre muitos outros que escreveram sobre a Revolução. Um dos melhores relatos aparece em conto de Rafael Muñoz: “*Oro, caballo y hombre*”.⁴⁶

Porém, essa versão não é unânime. O historiador Rubén Osorio⁴⁷ discorda radicalmente. Para ele, Muñoz e, sobretudo a imprensa construíram um factóide baseado na imagem pública e nos antecedentes de Fierro. Segundo Osorio, não se trata de absolvê-lo de seu alcoolismo, mas sim da seriedade de fatos anteriores. Através do cruzamento de informações colhidas em pesquisas de história oral, sustenta que, pouco tempo antes da campanha, Villa havia repreendido muito fortemente, e inclusive ameaçado Fierro por seus atos irresponsáveis quando bêbado. O biógrafo de Fierro também oferece versão distinta: “*Arribó a la orilla. Los oficiales de su Estado Mayor que le siguen son en número de 18. Todos se detienen. La mayoría opina que deben tomar otro camino porque aquel paso les parece de gran peligro. Fierro desaprueba la opinión de sus compañeros y subalternos y por unos instantes permanece absorto en la vaguedad espaciosa, como queriendo tomar del misterioso arcano la esencia de su inspiración. Luego, resueltamente, les dice a sus acompañantes: ¡Miedosos!, y para darles una prueba de su hombría, puso espuelas a su caballo y se introdujo en el agua,*

⁴⁶ TAIBO II (p. 535-536) também faz um balanço dessas fontes e de outras sobre a morte de Fierro.

⁴⁷ Entrevista concedida no dia 18 de março de 2015.

seguido inmediatamente de su asistente.”⁴⁸ A narrativa de Gámez tenta explicar a absurda morte do general Fierro, não pela ebriedade, mas pela valentia. Embora há de se relativizar o seu relato, e o respectivo intuito de polir a imagem do retratado, de certo modo, caminha junto a tese de Osorio e dos relatos orais. A idiosincrasia da psicologia de Rodolfo Fierro, e a espetacularidade de sua morte, dão margem às atribuições de embriaguez no caso, no entanto, não necessariamente a sustentam.

Esses são dois bons exemplos dos infortúnios que os excessos alcoólicos podiam causar a um exército revolucionário (nesse caso, também ao exército federal). Essas ocasiões não eram excepcionalidade da Divisão do Norte. O próprio Luis Herrera, aliado de primeira época, e há muito considerado traidor, morrera embriagado em combate, por balas villistas. Contudo, tendo em conta esses prejuízos, medidas eram tomadas para cessar ou remediar a embriaguez dentre os revolucionários. Pancho Villa, apesar de abstêmio, não tinha nenhuma inclinação moralista, ou religiosa, anti-alcoólica. Mas como líder militar, conhecia bem os malefícios que o álcool causava a seu exército. Portanto, em não raras vezes a proibição esteve presente em áreas do villismo. A amplitude de tais proibições, assim como suas penas, variaram segundo época e local. Na retomada de Juárez, em novembro de 1913, Villa ordenou a destruição de todas as bebidas embriagantes da cidade; os afetados foram basicamente os comerciantes e donos de bar. Na tomada de Torreón, em abril de 1914, édito que proibia ingestão de bebidas alcoólicas, com pena de morte a quem violasse. Em julho de 1915, nova lei seca, pena de morte a quem vendesse bebida alcoólica em Durango e La Laguna, territórios que estava usando para reagrupar a Divisão do Norte. Na conquista de Músquiz (Coahuila), já em dezembro de 1919, nos últimos suspiros da luta, foi

⁴⁸ GÁMEZ, Ernesto. “La Bestia Hermosa” o La vida de Rodolfo Fierro. pp. 128.

ordenado o fechamento dos bares e a pena de morte aos soldados que se embebedassem.⁴⁹

É provável que o alcance das leis secas villistas não fosse total. Além do já mencionado Fierro, Tomás Urbina era outro de seus generais mais próximos e, sua fidelidade a Villa era tão grande quanto a sua fidelidade ao álcool. Assim como, em seu Estado-maior havia outros alcoólatras. As proibições eram um controle e obstáculo aos excessos que causavam perdas humanas e, mais que isso, uma garantia de sobriedade em momentos-chave, do ponto de vista militar. A conquista de uma cidade não estava encerrada em si própria, havia de se assegurar a sua manutenção enquanto reforços dos derrotados pudessem tentar a sua retomada. Tal qual, as vésperas de batalha prescindem de mais comentários. Por outro lado, Pancho também sabia que buscar a aplicação permanente destas medidas seria o mesmo que desmobilizar sua base social e, assim, seu exército.

Da mesma forma que o consumo alcoólico e a embriaguez não eram exclusividade da Divisão do Norte, as tentativas revolucionárias em controlá-los também não fôra. Nas palavras de Jesús Méndez Reyes: *“Entre los primeros revolucionarios que decretaron el cierre de expendios alcohólicos estuvo Salvador Alvarado en Yucatán, en diciembre de 1915, con su ‘guerra relámpago’ contra el peonaje, la prostitución, el juego y el alcohol. Seguirían los gobernadores Plutarco Elías Calles en Sonora, Francisco Múgica en Tabasco y Venustiano Carranza en Veracruz y D.F., entre 1916 y 1919.”*⁵⁰. Múgica e Alvarado haviam participado da greve da Cananea (1906, Baja California), e atuaram junto ao Partido Liberal Mexicano e as influências do magonismo. Desse modo, carregavam as idéias do anti-alcoolismo

⁴⁹ TAIBO II, Paco Ignacio. Pancho Villa, uma biografia. pp. 216; 315; 518; 698.

⁵⁰ MÉNDEZ REYES, Jesús. *De Crudas y Moralidad: Campañas Antialcohólicas en los Gobiernos de la Postrevolución (1916-1931)*. p. 10.

do movimento proletário, que via no álcool a degeneração da classe operária, e um aliado à continuidade da exploração de classe. Dentre as quatro leis secas mencionadas, todas se deram baixo a bandeira do Constitucionalismo de Carranza, no entanto, apenas a de Alvarado⁵¹ encontrou ressonância para se estender no tempo, na qual foi central a participação do revolucionário local Felipe Carrillo Puerto. As proibições anti-alcoólicas, quer as temporárias, com o pragmatismo militar de Villa, quer as permanentes, como política social dos constitucionalistas, não tiveram êxito em lutar contra culturas de consumo seculares.

2.3 – Honra e álcool: conflito perene

O jornalista John Reed, em outra passagem de *México Rebelde*, narra a ocasião de um duelo, por conta de uma disputa sexual. Na sua estadia em um povoado tomado por revolucionários, antes de retornar ao hotel, se deparou com o encontro de um capitão, em seu automóvel, e um jovem oficial, a cavalo, em uma rua, por onde os dois seguiam na mesma direção. Ao se reconhecerem, um pergunta ao outro o seu destino, e descobrem que ambos vão ao encontro da mesma María. Após uma pequena discussão, a conclusão óbvia: não poderiam os dois cumprir sua intenção, o capitão então sugere uma forma de solução da questão. O chofer iluminaria a rua usando os faróis do veículo, eles dariam 30 passos em sentidos contrários, e o próprio chofer contaria até três. O primeiro a acertar o chapéu do adversário com um tiro, seria o vencedor. O capitão levou a melhor na disputa, e pôde ir ao encontro de María.⁵² A narrativa não deixa

⁵¹ Também: FALLAW, Ben. *Dry Law, Wet Politics: Drinkin and Prohibition in Post-Revolutionary Yucatan, 1915-1935*.

⁵² REED, John. *México Rebelde*. p. 129-130.

totalmente claro, mas o diálogo indica que havia alguma relação de camaradagem entre os dois. Para tanto, não precisavam se sujeitar a uma resolução mortal; o duelo tinha sido uma saída razoável encontrada pelo militar.

Os entreveros em torno da conquista de mulheres, aparentemente, estavam bastante presentes. Mariano Azuela, na sua novela da revolução, *Los de Abajo*, passa algumas vezes por episódios deste tipo ao longo da história. Embora se trate de uma obra ficcional, a experiência de Azuela como médico de campanha nos batalhões do general Julián Medina, garante que a redação dos personagens e cenários adquira traços etnográficos. Diferentemente do caso apresentado por Reed, na novela, assim como em vários contos, a tônica das disputas não é tão singela. Em geral, o momento pós-vitória em combate, além do deleite aos butins materiais, seria o das diversões, dentre elas, o desfrute sexual. Soma-se a isso o consumo de bebidas alcoólicas: tequila, mezcal, cerveja, aguardente. O ponto de contato entre: a comemoração do sucesso militar, a embriaguez, e o afã sexual, é motivador de muitas brigas. Muitas vezes, até mesmo entre membros de um mesmo grupo militar ou facção revolucionária. Em certos casos, terminando em morte. Há de se entender o que está por trás disso. Esses homens, na sua grande maioria soldados voluntários à causa revolucionária⁵³, antes de vencerem alguma batalha, além do próprio esforço do enfrentamento militar, enfrentavam largas jornadas de deslocamentos, muitas vezes, longe das melhores condições. Ao fim da mesma, ansiavam por algum momento de prazer. Alguns tragos de tequila ou mezcal, e afloravam as necessidades de provar quem era mais homem; conquistar a moça desejada, ainda que fosse preciso dar uns tiros. A presença do elemento etílico podia potencializar o nível de violência dessas pejejas. Contudo, tal potencialidade da

⁵³ Salvo a exceção da Divisão do Noroeste (do estado de Sonora) do Exército Constitucionalista, que desde cedo criou um processo de profissionalização, havendo soldo regular para as tropas. Ver SALMERÓN; e TOBLER.

embriaguez para suscitar a desonra e atos violentos é quase tão longeva quanto à própria produção e consumo de bebidas alcoólicas.

Segundo David Mandelbaum: *“There are a great many substances that men have learned to ingest in order to get special bodily sensations. Of them all, alcohol is culturally the most important by far. It was anciently the most wide-spread in use, the most widely valued as a ritual and societal artifact, the most deeply embedded in diverse culture.”*⁵⁴ Desde as mais antigas sociedades humanas sedentárias, a produção de bebidas alcoólicas é conhecida e registrada. Receitas e o próprio preparo de formas rudimentares de cerveja estão grafados no Código de Hamurábi, nas pirâmides egípcias e em antigas inscrições chinesas. E, tal qual, tão antiga quanto, é a ritualização do consumo destas bebidas, assim como as restrições a seus excessos.

A embriaguez como depreciadora da honra está construída alegoricamente em textos clássicos de algumas das sociedades antigas. Os hebreus usaram a bebedeira de Noé para redigir a maldição de Cam: *“Sendo Noé lavrador, passou a plantar uma vinha.*

Bebendo do vinho, embriagou-se, e se pôs nu dentro da sua tenda. Cam, pai de Canaã, vendo a nudez do pai, fê-lo saber, fora, a seus dois irmãos.

Então Sem e Jafé tomaram uma capa, puseram-na sobre seus próprios ombros de ambos e, andando de costas, rostos desviados, cobriram a nudez do pai, sem que a vissem.

Despertando Noé do seu vinho, soube o que lhe fizera o filho mais moço, e disse:

⁵⁴ MANDELBAUM, David. *Alcohol and Culture*. Anthropology, Vol. 6, No. 3 (Jun., 1965), pp. 281-288+289-293. The University of Chicago Press

Maldito seja Canaã; seja servo dos servos a seus irmãos.”⁵⁵ A desonra não está presente no excesso alcoólico em si, pois Noé, uma vez nessa condição, se retirou a sua privacidade. Mas sim, na falta de zêlo de Cam por um dos seus (no caso, seu próprio pai) no estado de embriaguez.

Por outro lado, na Odisséia, a embriaguez servirá como ferramenta a Odisseu para retomar seu trono, sua esposa e seu lar, após a longa jornada de retorno à Itaca. Chegando de volta à ilha, o herói, punido pelos deuses por sua arrogância, tem a aparência irreconhecível para seus antigos súditos. Porém, com a ajuda de Atena, lança mão de um plano para expulsar os pretendentes de sua casa: um desafio de precisão com o arco, onde o vencedor desposaria Penélope e assumiria o trono. Antes do desafio, ainda um outro apoio: seu filho oferece um banquete, com muito vinho, aos pretendentes. Com todos embriagados, o único digno e capaz de executar a tarefa é o próprio Odisseu, um ignoto a todos até o momento do êxito. Assim, retoma a coroa, e expulsa seus rivais.

Se avançamos alguns séculos no tempo, e cruzamos ao outro lado do Atlântico, encontraremos outro exemplo emblemático em um dos mitos fundadores da sociedade azteca. Quetzalcoatl, deus responsável pela criação da humanidade, sofria com a inveja de outros deuses menos adorados. Por conta disso, em uma das principais festividades, Quetzalcoatl fôra enganado e induzido a tomar pulque em excesso. Uma vez embriagado, saiu nu pela cidade, e depois, se deitou com sua irmã. Ao dia seguinte, envergonhado e desonrado perante sua grande criação – os homens, marchou de própria vontade rumo ao exílio no leste.

⁵⁵ GÊNESIS, capítulo 9, versículos 20-25

Segundo Joseph Campbell: “[...] aquilo que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos. Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história.”⁵⁶. Partindo dessa idéia, passamos aqui por 3 exemplos onde sociedades que conviviam abertamente com o consumo alcoólico cotidiano, expressam através de suas mitologias a reprovação aos excessos étlicos, e a conseguinte causa da desonra. Estes mitos são histórias que servem para ensinar os homens que não há problema em tomar vinho (ou o pulque, no caso azteca), no entanto, quando bebido de maneira desmedida, isso leva os homens a atitudes indignas, que os leva à desgraça perante seus pares.

A resolução violenta de conflitos pela manutenção da honra não é uma invenção da Revolução. Durante o século XIX e início do XX, o duelo, e isso não só no México, foi a modalidade imperante para tais situações. Contudo, como destaca Pablo Piccato⁵⁷, o duelo, enquanto instituição social, estaria embainhado no ideário modernizador à européia. As elites mexicanas, que viam seu mandatário Porfírio Díaz pôr o México no mapa do mundo civilizado, miravam-se nos seus equivalentes franceses e alemães, e a partir de aí, a ânsia por ter uma forma ordenada e sóbria de resolver suas diferenças entre si, não abdicando da violência. Piccato aponta que os códigos do duelo estão partilhados, basicamente, entre militares, políticos e jornalistas. Porém, isso não quer dizer que somente os homens das elites têm honra. Embora tais códigos de conduta possam ser distintos, os homens das classes populares também têm razões pelas quais zelar, e, inclusive, usar da faca ou do tiro, se preciso, para defendê-las. Seja de qualquer um dos dois estratos, verifica-se que os elementos detonadores de um conflito, guiam-se

⁵⁶ CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. p.16.

⁵⁷ PICCATO, Pablo. Politics and the Technology of Honor: Dueling in turn-of-the-century Mexico.

por três eixos centrais: a virilidade, a imagem das mulheres do grupo familiar, e a posição social. Desde uma discussão no parlamento a um desentendimento entre bêbados numa cantina, alguma declaração que coloque em xeque algum destes pontos, pode, e deve, causar que o agredido defenda a integridade de sua honra pelas armas. E, ainda que não se trate de um pressuposto obrigatório, a presença de bebida alcoólica é recorrente como agravante nessas situações. Se voltamos a Taylor, veremos também, que já durante o período colonial, o álcool funcionava como catalisador do caminho que leva da agressão à honra à agressão física (incluindo homicídios).

Partindo para o período revolucionário, embora não esteja esgotada a existência do duelo, surgiria uma original instituição da resolução de conflitos, a chamada: *Loteria da morte*. O cronista e memorialista chihuahuense Ignacio Muñoz, em *Verdad y Mito de la Revolución Mexicana*, localiza sua criação na Convenção de Aguascalientes. Segundo o relato, nos momentos de descontração e folga durante as reuniões da Convenção, Rodolfo Fierro e outros generais villistas tomavam cerveja, até o momento que algum lançava a pistola engatilhada para o alto e, na queda, o disparo escolhia o perdedor. Taibo II⁵⁸ discorda de Muñoz sobre o momento de criação, segundo ele há registros de antecedentes da mesma prática em Chihuahua. É provável que a aura do encontro de Aguascalientes desse um caráter mítico ao nascimento do “jogo”; talvez um recurso literário de Muñoz. Além disso, o veterano revolucionário Adán Mantecón Pérez, em suas memórias, *Recuerdos de un villista: mi campaña en la revolución*, relata uma prática parecida: o *toritos*. Nessa variante, os jogadores tomam diversas doses de bebidas alcoólicas até ficarem “no ponto”, quando se colocavam ao redor de uma mesa, e um deles puxava sua pistola engatilhada e a girava no dedo até que disparasse. Essa versão também parece estar presente em toda área de jurisdição villista.

⁵⁸ TAIBO II, Paco Ignacio. Pancho Villa, uma biografia.

Há ainda uma boa representação cinematográfica desses jogos na produção de 1936, *Vámonos con Pancho Villa!*, de Fernando de Fuentes. O filme é uma adaptação de uma novela de Rafael Muñoz, autor, já antes mencionado, de alguns dos contos mais ricos sobre a Revolução no norte do país. A cena trata da incorporação de parte dos protagonistas em um grupo dos *Dorados* (a guarda pessoal de Villa). Com a incorporação dos novos membros, o grupo passa a somar 13 integrantes, e por superstição de alguns membros anteriores, o número traria azar. A maneira de resolver a questão seria deixar que a *sorte* selecionasse o mais covarde do grupo, para ser eliminado. Poderíamos dizer que, a modalidade apresentada, seria uma mescla das duas citadas: *loteria da morte* e *toritos*. No entanto, tampouco devemos ver tais práticas de maneira tão formatada quanto um duelo entre cavalheiros na virada do século. O *modus operandi* desses jogos mortais, segundo as análises dos registros existentes, é bem mais adaptável segundo a situação e o estado ébrio de seus jogadores. Retomando a interpretação dada pelo filme, os 13 *dorados* se abraçam a volta de uma mesa, de modo que não fique nenhum vácuo entre eles, apaga-se a luz, e finalmente, um deles lança a pistola engatilhada ao ar. É interessante, como tal representação está bem fiel ao que se encontra nas fontes literárias e memoriais. Igualmente, é importante salientar, como, tanto nessa reinterpretação, quanto em tais fontes, está presente, para descrever essas práticas, a bebedeira excessiva e a provação da valentia.

Por mais que, em muitos momentos, a *loteria da morte* e o *toritos* figurassem para os seus participantes ali envolvidos, como apenas mais uma forma de diversão, ao lado do baralho, das apostas, touradas e brigas de galo; era central para sua adesão um desafio. Uma vez os revolucionários alcoolizados, deviam provar sua macheza também fora do campo de batalha. É como se houvesse um código de honra compartilhado entre eles, desde Aguascalientes a Juárez (em outras palavras, do centro à fronteira norte), que

dissesse: a bala eleger os covardes. Sendo assim, não se apresentar ao jogo era demonstração de fraqueza, medo e desonra, perante seus colegas de armas. E, apesar do estado de embriaguez, o selo de tais atributos poderia pesar negativamente na hora do combate.

3 - O ANTI-ALCOOLISMO

3.1 – O Pensamento e as Políticas Anti-alcoólicas nas Américas:

3.1.1 – Uma questão global ?

Recentemente, tem crescido na historiografia um novo campo, ou melhor dizendo, um outro modo de se olhar e escrever a História: a chamada História Global. À primeira vista, a terminologia pode causar confusão, uma vez que sugeriria se remeter ao processo de globalização. No entanto, suas pretensões e intuítos são bem mais generosos. Entender o processo da modernidade, para além das fronteiras nacionais, a partir da mirada às redes, personagens, movimentos (de pessoas, de idéias etc), é o desafio. Em alguma medida, uma tentativa de horizontalizar o globo, sem perder de vista as assimetrias entre os atores presentes nos processos. Com proposta tão abrangente, apesar dos obstáculos práticos e metodológicos de execução, as possibilidades temáticas são muito ricas. Aqui, nos interessará o quadro do movimento das idéias, assim como seu reflexo em distintas realidades locais. Porém, antes de prosseguir no tema, se faz necessária uma melhor delimitação de como essa questão levantada aqui, poderia vir a se enquadrar no corpo da História Global.

Patrick O'Brien, num esforço de mapeamento das tradições historiográficas que estão por detrás da restauração da história global, aponta duas principais direções nas quais seguem esse tipo de trabalhos. Segundo o autor, as “conexões de McNeill” seriam uma primeira modalidade hegemônica: “[...] *the model of connexions as a traditional*

*and (persistently) persuasive way of writing global history that can be exemplified with reference to the writings of William McNeill. His seminal work has inspired recent programmes of historical investigation into webs of connexions across continents, oceans and countries over very long spans of time. McNeill's assumption is that 'encounters', 'contacts' and above all 'connexions' with 'outsiders' can be represented as the origins and engine of most economic, social, political, military, cultural, religious, technological and other conceivable types of change studied by historians."*⁵⁹. A segunda modalidade principal estaria mais ligada à história comparada, de certa maneira, em diálogo com a tradição historiográfica alemã desse gênero; quer a comparação no tempo, quer no espaço.

Esse e outros autores estão redesenhando esses modelos analíticos à luz de um paradigma não-eurocêntrico. Fazer história internacional, transnacional, global ou comparada, assim dita, por si só não se constitui como ruptura em relação à história tradicional ou nacional. O que sugerem é a mirada a outros objetos de investigação, segundo novas perspectivas. Patricia Clavin, por exemplo, oferece outra possibilidade: *"transnationalism is best understood not as fostering bounded networks, but as creating honeycombs, a structure that sustains and gives shapes to the identities of nation-states, international and local institutions, and particular social and geographic spaces. A honeycomb binds, but it also contains hollowed-out spaces where organisations, individuals and ideas can wither away to be replaced by new groups, people and innovations."*⁶⁰ Tal proposta nos soa bastante interessante, no sentido de rastrear o caminho percorrido por uma idéia.

⁵⁹ O'BRIEN, Patrick. *Historiographical traditions and modern imperatives for the restoration of global history*. Journal of Global History, 1, March 2006, pp 4.

⁶⁰ CLAVIN, Patricia. *Defining Transnationalism*. Contemporary European History, 14, pp 421-439. 2005.

Sem dúvidas, existem outras abordagens e outros aportes possíveis desde a história global, no entanto, aqui pode ser rica, para seguir e traçar, uma “rede de idéias”. Um determinado tópico pode e pôde ser tema de preocupação para distintas sociedades ao redor do globo em momentos paralelos. E as conexões e contatos mencionados, muitas vezes, cabem ocorrer em diferentes áreas e/ou grupos destas mesmas sociedades. A construção do consumo alcoólico como um problema para as sociedades ocidentais se deu de modo aproximadamente concomitante no tempo, e isso não é casual. A seguir, mapearemos como se costurarão essas conexões discursivas compartilhadas, onde o álcool deixa de ser uma cultura de consumo, apenas, e passa a uma problemática social, a partir de quatro vertentes: a religiosa; o movimento operário; as políticas governamentais; e a médico-sanitária. Muita embora o pensamento anti-alcoólico tenha raízes e interlocuções mais amplas ao redor do globo, nos deteremos ao continente americano. Tendo em vista que o nosso estudo se remete ao México, tentaremos ver como, desde a perspectiva continental, encontraremos uma rede que entrelaça idéias e políticas, através de sujeitos e movimentos que ignoram as fronteiras nacionais.

3.1.2 – Religiosos contra o álcool

Em muitas sociedades não-ocidentais, o fator religioso foi um filtro para, em certos casos, breçar, em outros, evitar, excessos étlicos. O islamismo e o hinduísmo, através de suas filosofias, agiram como fortes agentes reguladores em diversas sociedades africanas e asiáticas.⁶¹ Para Europa e América, não podemos nos valer da mesma premissa. O mundo cristão quase sempre conviveu com a permissividade em

⁶¹ FISHMAN, Ross. Alcoolismo. Tudo sobre drogas. 1987

relação ao consumo de bebidas embriagantes, quer do ponto de vista ritual, seja como complemento nutritivo, ou mesmo no tempo do lazer e ócio.

Contudo, na segunda metade do século XIX, houve um despertar para os excessos no consumo. O crescente processo de industrialização e urbanização nos dois continentes, também fez crescer e florescer a indústria e comércio das bebidas alcoólicas. As longas jornadas laborais eram complementadas pela embriaguez durante o escasso período de ócio.

A partir do impacto da encíclica *Rerum Novarum*, começaram, dentre outros movimentos organizativos, os de prevenção aos abusos do álcool por parte de grupos católicos. Tanto na Espanha, quanto no México, a nova doutrina social fez despertar sociedades pró-temperança, embebidas de uma preocupação de fundo religioso para com o atraso moral que envolvia os excessos etílicos. Por outro lado, os protestantes, sobretudo nos Estados Unidos, passam a ter posição mais radical quanto ao tema. Os antecedentes moralizantes estão pautados pelo movimento milenarista, encabeçado pela Igreja Adventista. Na seqüência, dariam seguimento a cruzada anti-alcoólica, grupos batistas, presbiterianos e episcopais.⁶² Devemos citar também os mórmons, que não só eram ativos em território estadunidense, como no mexicano. Do mesmo modo, os grupos protestantes antes citados, igualmente se faziam presentes como missionários no vizinho sulista, levando o brado pró-abstêmio. Já para o cone sul do continente americano, as campanhas pró-temperança, na sua faceta religiosa, estariam em mãos católicas.

⁶² MÉNDEZ REYES, Jesús. De Crudas y Moralidad: Campañas Antialcohólicas en los Gobiernos de la Postrevolución (1916-1931). II Congreso de Historia Económica de México, 2004.

Contudo, as posições religiosas mais extremadas anti-álcool, não tiveram grande ressonância para além desses grupos isolados. O impacto em políticas públicas restritivas ao consumo foi bastante reduzido; e tanto quanto menos, a redução do mesmo a partir de uma conscientização pela fé. Há de se ressalvar, no entanto, o caso dos Estados Unidos, onde o embate parlamentar sobre o tema, será fortemente influenciado por tais postulações.

3.1.3 – O Movimento Operário contra o álcool

Como narra Fishman: *“Era comum os patrões fornecerem bebida de graça a seus empregados, para deixá-los mais contentes e fazer seu trabalho render. [...] os ricos patrões britânicos, donos de ferrovias e fábricas, chegaram a afirmar que ‘a bebida era útil para calar a boca dos operários rebeldes e eliminar os homens mais fracos e imoderados numa época de excesso de mão-de-obra’.*”⁶³. Não sem razão, os sindicatos organizados, desde fins do século XIX, se aperceberam da nocividade que os excessos alcoólicos podiam causar aos operários, e sobremaneira, à causa proletária.

Nesse campo, a cruzada anti-alcoólica varreu o continente de norte a sul. Nos Estados Unidos, México, Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, o movimento operário organizado foi uma das principais vozes de alerta aos malefícios etílicos. Claro, o fizeram desde seu lugar. O álcool era para tanto, um obstáculo à revolução proletária. Servindo as bebidas como mais uma amarra dos trabalhadores aos patrões, e impeditiva da luta. No México, o magonismo assim se posicionara: *“ Veis en cambio, que otros no*

⁶³ FISHMAN, Ross. Alcoolismo. Tudo sobre drogas. 1987 pp.26.

trabajan nada y se dan vida de príncipe. Os choca indudablemente el contraste y pedís al alcohol lo que no os dio el plutócrata avaro que os saca el jugo: la felicidad; y en pos de esta esquiva deidad os dirigís a la taberna ¿para qué? para que se os calumnie después llamándoos prostituidos y granujas. ¿Y quiénes os llaman granujas?, ¡los mismos que os han explotado y tiranizado hasta empujaros al alcoholismo para que degeneréis y seáis más fácilmente explotables! no tenéis, en efecto, la culpa de beber alcohol. Muchos de vosotros resistís, pero otros no lo pueden evitar. Bebéis, no por vicio, sino por necesidad. Vuestras habitaciones no las desearía ni un oso montaraz; pero bebéis alcohol y vuestra imaginación enriquece la pobre morada; no tenéis dinero, pero el alcohol hace olvidar la miseria, os dormís sobre el suelo duro y frío, pero el alcohol hace soñar en lechos regios, sois débiles, y el alcohol os finge fuerzas, salud, bienestar. Por eso bebéis; para olvidar una realidad de pesadilla.”⁶⁴ Era uma constante na retórica do movimento operário organizado enxergar no álcool um meio de manipulação dos trabalhadores, fosse por meio do endividamento e corrosão de seus salários gastos nas bebidas embriagantes, fosse pela disputa de tempo investido com essas que poderia ser destinado a esfera organizativa.

Por outro lado, no caso brasileiro, a indústria cervejeira pujante no início do século XX, trazia a contra-cara da moeda: o movimento operário organizado dos trabalhadores do setor. Durante as décadas de 1910, 1920 e 1930, o setor seriam um dos protagonistas nas greves e manifestações de classe.⁶⁵

⁶⁴ El Colmillo Público, núm. 125, 28 de enero de 1906.

⁶⁵ MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. A cerveja e a cidade do Rio de Janeiro. De 1888 ao início dos anos 1930. Editora UNB 2014. PP. 261.

3.1.4 – A vertente médico-sanitarista

Durante o século XIX, as nascentes nações latino-americanas enfrentaram o desafio de buscar seu lugar ao sol ao lado de suas antigas metrópoles, e que estas passassem a enxergá-las como pares no mundo civilizado. No intuito de alcançar esse objetivo, as elites locais embuíram-se do projeto modernizador como caminho da civilização, e constara como um dos principais elementos do projeto: a questão sanitária.

Apesar da grande concentração das populações latino-americanas no meio rural, fato que só vislumbrou mudança na segunda metade do século XX, as elites preocupavam-se mais com a imagem passada para o exterior; para Europa e Estados Unidos, assim como com seu próprio bem estar. Dessa forma, era recorrente que aparecesse na imprensa brasileira que o Rio de Janeiro era a cidade mais suja do Ocidente, ou na imprensa mexicana que México (D.F.) era a mais suja do mundo, tal qual podia aparecer na imprensa argentina argumentos similares para Buenos Aires. As preocupações de higiene e saúde pública estavam embainhadas da visão aristocrática das elites citadinas, e desse modo, os programas sanitários orquestrados visavam antes atender a higienização ocidental das capitais que uma preocupação humanitária com as populações nacionais. Além disso, houve também um viés econômico da questão, a atenção à saúde dos trabalhadores para não abalar a capacidade produtiva do país.

Dois casos são exemplares de como o processo de desenvolvimento de programas sanitários e higienizadores, embutidos no projeto modernizador, foram conduzidos de maneira conservadora pelas elites latino-americanas. Estas pensaram toda a modernização a partir do espaço urbano, e somente em benefício deste,

ignorando, sabidamente, que a maior parte da população estava no espaço rural, e ficaria a margem dessas reformas no âmbito sanitário. São esses os casos argentino e mexicano, aos quais nos deteremos a seguir.

Ao longo das décadas de 1930 e 1940, o doutor Salvador Mazza desenvolveu importantes investigações sobre a doença de Chagas no campo argentino, dando prosseguimento às descobertas do cientista brasileiro, Carlos Chagas. Foi continuamente ignorado pelo governo argentino e pelas elites portenhas na sua busca de apoio para a profilaxia da doença. O discurso contrário fazia um apelo bucólico a manter as estruturas rurais como era tradicional, mas que escondia por trás o descaso para com o campesino argentino. Contudo, a discrepância “rural x urbano” no rol dos programas sanitários vinha de longa data na Argentina.

A partir do último quartel do século XIX, com o fim das disputas “unitarismo x federalismo”, é pensado no cenário argentino do projeto modernizador. Diego Armus⁶⁶ assinala como havia uma variedade de projetos de cidade, a partir de distintas e antagônicas matizes ideológicas. Por sua vez, cada uma dessas utopias urbanísticas trazia embutida uma visão de higienização para tratar dos problemas sanitários que afligiam a população argentina. Entretanto, independente da filiação ideológica da qual partisse a perspectiva, todos os projetos pensavam sanitariamente basicamente o espaço urbano.

Assim seria também na aplicação das políticas sanitárias, até a era peronista (período no qual já pode se pensar numa inversão do percentual da população “campo x cidade”) não somente foi dada atenção primordial ao espaço urbano, como também quase que basicamente a Grande Buenos Aires e alguns outros centros importantes

⁶⁶ ARMUS, Diego. O Discurso da Regeneração: espaço urbano, utopias e tuberculose em Buenos Aires, 1870-1930. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p.235-250, 1995

como Córdoba e Rosário. No entanto, tal quadro não se limita ao plantel médico. Entre o fim do século XIX e início do século XX, dentro dos programas sanitários, tinham considerável importância o educador e o meio escolar como difusores das práticas higiênicas e na remodelação dos hábitos da população. Maria Silvia Di Liscia⁶⁷ aponta como no caso da educação, os profissionais responsáveis pela missão sanitária não estavam tão concentrados só nessas áreas, embora em número e qualificação insuficientes para o tamanho da tarefa. Contudo, pode-se dizer que de Sarmiento a Perón o olhar sanitário foi para a cidade.

Já no caso mexicano, guardadas algumas diferenças, políticas sobretudo, os projetos sanitários não se construiriam de maneira tão distinta. O país viveu no último quartel do século XIX e primeira década do século XX uma longa ditadura, de Porfírio Díaz. Muito embora a questão sanitária estivesse longe de constar como uma das pautas da Revolução de 1910, é emblemático que as massas camponesas, protagonistas no levante, tenham sido as mesmas que foram continuamente despojadas no processo modernizador do período porfirista. Dentre os despojos, nenhum tipo de preocupação com a higiene e saúde pública foi orientada à população campesina. Exceções feitas às companhias ferroviárias e de mineração, que davam algum amparo médico privado a seus funcionários, mesmo atuando em áreas rurais.

Durante esse período, Díaz teve seu regime apoiado e sustentado por um grupo de políticos e intelectuais (além do exército) conhecido como *Los Científicos*. Esses homens tinham muito pouco de cientistas, mas de fato eram influenciados pela idéia positivista tanto na forma de fazer política, quanto ao olhar para a sociedade mexicana.

⁶⁷ DI LISCIA, Maria Silvia. Médicos y maestros. Higiene, eugenesia y educación en Argentina (1880-1940). In: DI LISCIA, Maria Silvia; SALTO, Graciela Nélica (eds). *Higienismo, Educación y Discurso en la Argentina (1870-1940)*. Santa Rosa, La Pampa: Editorial de la Universidad Nacional de La Pampa, 2004, pp.37-64.

Desse modo, fizeram com que o regime investisse na formação de quadros (esses sim) científicos em diversas áreas de importância econômica para o desenvolvimento mexicano, tal qual pensado no projeto modernizador porfiriano. Juan José Saldaña e Natalia Priego Martinez⁶⁸ demonstram como se deu o processo de desenvolvimento da medicina e microbiologia mexicanas, muito calcado na experiência francesa. E como a formação desses profissionais visava facilitar o processo de higienização, e modernização, sobretudo do distrito federal.

Porém, o programa sanitário dos “científicos” não se limitaria apenas a formação de quadros profissionais da área médica e de investigação. Todo um ideal de intervenção sanitarista foi racionalizado visando à intervenção no espaço urbano. Segundo Claudia Agostoni⁶⁹, o impacto no campo das leis de reforma de 1857, foi um dos catalisadores do processo de expansão da cidade do México (D.F.), absorvendo em si massas despossuídas de terra. E ainda, esse processo de expansão resultou na ocupação desigual do espaço, segundo as condições de classe. Fatalmente, a ocupação desordenada do espaço igualmente desembocou em problemas de ordem sanitária, nos quais interviriam as autoridades. Ela nos traz as palavras de alguns sanitaristas que não ousaram poupar tinta para justificar a inversão da situação, melhor dizendo, a culpabilização da vítima. Montes de Oca e Domingo de Orvarañs viam o problema nos hábitos e costumes das populações proletárias, desconsiderando as privações materiais que as punham em tal situação.

⁶⁸ SALDAÑA, Juan José; PRIEGO MARTINEZ, Natalia. Entrenando a los cazadores de microbios de la república: la domesticación de la microbiología en México. In: SALDAÑA, Juan José (coord.). *La Casa de Salomón en México. Estudios sobre la institucionalización de la docencia y la investigación científicas*. México: Facultad de Filosofía y Letras, Dirección General de Asuntos del Personal Académico, Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. pp.283-305.

⁶⁹ AGOSTONI, Claudia. The Expansion and Diagnosis of the City. In: AGOSTONI, Claudia. *Monuments of progress: modernization and public health in Mexico city, 1876-1910*. Calgary: University of Calgary Press, 2003. pp. 45-76.

A autora ainda nos apresenta, como, apesar de modernizante, a Constituição de 1857 não versa uma linha sobre a questão sanitária, sendo assim necessária a elaboração de um Código Sanitário pelo Congresso Federal em 1891. O código vigora para o D.F., Baja California e Tepic, assim como para portos e fronteiras. Embora há de se relevar o caráter eletivo das demais unidades federativas aderirem ou não a essa legislação, isso também demonstra uma vez mais que a esfera urbana era primordial no pensar a higiene e a saúde pública. E, apesar das proporções territoriais, e do grande percentual populacional situado em zonas rurais, o regime de Díaz pensou uma intervenção sanitária circunscrita basicamente ao distrito federal, e com duas mãos: uma cidade moderna e limpa para as elites e classes médias, e um aporte autoritário na contenção das epidemias em bairros habitados pelas classes populares. Tal qual políticas que iam de encontro aos seus hábitos e costumes tradicionais, como as regulações das *pulquerías** por exemplo.

Tendo em vista o tamanho do continente, assim como a diversidade de dinâmicas locais particulares, em alguns lugares esse processo se dará distintamente desses dois casos modelares. Além disso, mesmo onde pode se ver mais similitudes que diferenças para com esses exemplos, alguns quesitos terão sua constituição própria, e nesse sentido, vale destacar o caso colombiano.

Segundo Marta de Almeida: *“No ambiente histórico-social de consolidação das nações latino-americanas do século XIX, os problemas relacionados às epidemias e às reformas urbanas passavam pelo crivo de alguns setores médico-científicos da época, transformando, aos poucos, a saúde pública em um campo de ciência médica aplicada e tecnológica. Diante de demandas tão complexas e diversificadas, competindo, muitas vezes em desvantagem, com outras formas de práticas médicas e saberes, os médicos formados nas escolas regulamentadas de ensino de medicina começaram a se organizar*

*de maneira mais sistemática e efetiva, demonstrando o claro interesse em sistematizar a profissão e o campo de atuação médico, bem como combater práticas de cura irregulares, ou que chamavam de 'charlatanismo' [...]*⁷⁰. Pode notar-se que ao largo deste período, e século XX adentro (em algumas partes mais do que outras), a atividade médica esteve francamente concentrada nas zonas urbanas, sobremaneira nos principais centros de urbanos de seus respectivos países. A autora segue o texto com uma tabela das associações e sociedades médicas fundadas no continente americano, e, observa-se que, para a porção latinoamericana, tais agrupamentos se limitam a Rio de Janeiro e São Paulo, no Brasil, Buenos Aires e Córdoba, na Argentina, e nos demais países estão restritos as capitais. No entanto, na Colômbia, o processo de formação de sociedades médicas se dá de maneira totalmente descentralizada, ocorrendo formações em cidades de menor importância política e econômica, tal qual se distribuindo de maneira mais equânime sobre o território nacional. Desse modo, podemos inferir que no caso colombiano os profissionais médicos estiveram mais próximos ao contato com as zonas rurais, e da mesma forma não estava concentrado e restrito o acesso à saúde, ainda que privada, apenas à população da capital.

Uma vez ressaltada a distinção colombiana, que repousa em apenas um aspecto dentre os muitos que configuram a complexidade do conflito entre rural e urbano na conformação de programas sanitários, podemos passar a ambígua experiência peruana. Juan Pablo Murillo Peña, Oswaldo Salaverry García e Gustavo Franco Paredes⁷¹

⁷⁰ ALMEIDA, Marta de. Circuito aberto: idéias e intercâmbios médico-científicos na América Latina nos primórdios do século XX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.13, n.3, p. 733-757, jul.-set. 2006.

*Bares especializados na venda de pulque.

⁷¹ PEÑA, Juan Pablo Murillo; GARCÍA, Oswaldo Salaverry; PAREDES, Gustavo Franco. País enfermo y despoblado. Debates sanitarios y proyectos de desarrollo en el Perú en la primera mitad del siglo XX. In:

desdobram como as elites peruanas lidavam com dificuldade para se desfazer de sua inferioridade racial perante o olhar externo, perante o olhar europeu, embora conseguissem distinguir-se aristocraticamente no âmbito interno das massas populares indígenas. No início do século XX, puseram em marcha um processo de modernização, no qual a medicina social e a higiene ocuparam papéis destacados.

David Parker⁷² demonstra como essas elites, a partir de uma visão intelectual conservadora, fizeram reformas em Lima a fim de higienizar e civilizar a cidade. Tinham em mente a idéia de educar os trabalhadores e o povo peruano, que viam como atrasados, e a quem culpabilizavam pela sujeira, doenças e afins. Até ai, o caso peruano é plenamente comparável aos mexicano e argentino, no entanto, as experiências sanitaristas peruanas não se limitaram à Lima. Marcos Cueto⁷³ registra o caso de medicina rural em Puno a partir da experiência do doutor Manuel Nuñez Butrón. Médico que se redescobriu em sua ascendência indígena a partir de sua trajetória de vida (na alteridade) e em meio ao movimento cultural e intelectual do *indigenismo*. Dedicou-se a intervir junto às populações rurais andinas partindo de uma perspectiva sanitarista que se propunha ao diálogo com os locais, a absorção dos conhecimentos e métodos dos curandeiros quando possível, e mesmo entendê-los quando equivocados, para modificá-los falando na mesma linguagem. O modelo de Butrón ganhou adeptos na região e obteve sucesso contra o tifo e a varíola. Mas ao causar incômodo politicamente, acabou deslocado para a região amazônica.

HOCHMAN, Gilberto; DI LISCIA, Maria Silvia; PALMER, Steven (orgs.). *Patologías de la patria: enfermedades, enfermos y nación en América Latina*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2012. pp. 155-179.

⁷² PARKER, David S. Civilizando la ciudad de los Reyes: higiene y vivencia en Lima, 1890-1920. In: ARMUS, Diego. *Entre médicos y curanderos: cultura, historia y enfermedad en la América Latina moderna*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, ago. 2002. pp. 105-150.

⁷³ CUETO, Marcos. Tifo, Varíola e Indigenismo: Manuel Nuñez Butrón e a medicina rural em Puno, Peru. In: HOCHMAN, Gilberto (org.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. pp. 295-329.

Embora a medicina rural e o sanitarismo indigenista não tenham sido uma constante para o todo o Peru, a presença dessa experiência à margem do programa sanitário aristocrático da modernização de Lima, mostra como em alguns casos o meio rural certas vezes tenha passado aos olhos dos sanitaristas latinoamericanos. Muito embora, como visto, a tendência hegemônica na América Latina foi de que suas elites nacionais conduzissem programas sanitários pouco atentos às necessidades do meio rural, espaço onde concentrava-se a maior parte da população. Isso, ao menos ao longo do século XIX e da primeira metade do século XX (em alguns casos por mais tempo). Dois exemplos destacam-se destoando desta tendência: Costa Rica e Cuba (pós-revolucionária). A primeira desenvolveu desde princípios do século XX uma medicina nacional construída a partir de conhecimento autóctone, e em parceria com a Fundação Rockefeller conseguiu ter êxito em intervir junto às populações rurais na erradicação da ancilostomíase⁷⁴. Uma estratégia local bem sucedida não poderia deixar de olhar para o meio rural, para que alcançasse seus objetivos.

Já a experiência cubana de programa médico e sanitário voltado para o campo brotou da Revolução de 1959. A maior parte da luta foi conduzida no meio rural e largos contingentes das tropas eram constituídos por camponeses. A própria vivência da guerrilha foi servindo a desenvolver um molde de medicina rural, e essa questão ganhou grande importância após o triunfo. O sistema de saúde cubano anterior à revolução era razoavelmente bom, se comparado com o restante do continente. No entanto, estava concentrado em Havana, e boa parte era privado, estando restrito seu acesso às elites e classes médias que podiam pagar pelos serviços. Logo após o triunfo revolucionário, em

⁷⁴ PALMER, Steven. Saúde Imperial e Educação Popular: a Fundação Rockefeller na Costa Rica em uma perspectiva centro-americana, 1914-1921. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. pp. 217-248.

parte pela debandada dos profissionais, o sistema de saúde teve que ser reconstruído, e junto veio sua reformulação, sob orientação de outra ótica. Segundo Enrique Beldarraín Chaple⁷⁵, as perspectivas do novo regime somadas às necessidades expostas pela própria revolução desdobraram-se na criação de novas instituições sanitárias, e na formação de profissionais voltados para atuar no âmbito da medicina rural.

Além destes dois casos, a partir da segunda metade do século XX novas perspectivas sanitaristas possibilitaram que as populações rurais dos demais países latinoamericanos tivessem um acesso mais amplo aos serviços de saúde. Assim como, o percentual da população latinoamericana no campo reduziu-se bastante.

Posto tudo isso, temos um quadro daqueles que pensaram a questão da saúde na primeira metade do século XX para o continente americano. As grandes nações latino-americanas: México, Argentina e Brasil, e podemos acrescentar Estados Unidos a essa tipologia que seguirá, desenvolveram reflexões sanitárias a partir de paradigmas elitistas. O discurso médico se constrói em diálogo com o discurso jurídico e criminológico, postulando o alcoolismo como patologia social; as grandes cidades precisavam ser higienizadas dos atores indesejáveis. Desse modo: *“La ciudad de México era la vitrina y también el laboratorio del progreso porfiriano. [...] de acuerdo con el consejo del prestigioso Dr. Eduardo Liceaga, los mendigos estacionados en la vía pública fueron enviados a la cárcel en vez del asilo. El Imparcial exponía la razón: mediante la coerción policial ‘no presenciaremos más esas escenas poco edificantes*

⁷⁵ CHAPLE, Enrique Beldarraín. Cambio y Revolución: el surgimiento del Sistema Nacional Único de Salud en Cuba, 1959-1970. *Dynamis. Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam*, Granada, España, v.25, p. 257-278, 2005.

que desdican mucho de nuestra cultura.’.”⁷⁶ Todo o efeito neurológico do álcool, seus excessos, e sua abstinência, só seria compreendido com excelência décadas depois.⁷⁷ A preocupação dos médicos-sanitaristas era muito mais de caráter sociológico.

3.1.5 – Lei Volstead: outra faceta do pensamento anti-alcóólico

No início do século XX, a pressão dos três setores citados acima, chegou ao Estado. Religiosos, médicos e o movimento operário organizado se fizeram ouvir, e de distintas formas, conseguiram influência no sentido de políticas públicas que tratassem o álcool como um problema social.

A proibição de fabricação e venda, se deu, com graus diferentes, em: Grã-Bretanha, Rússia, Finlândia, Noruega, Bélgica, e, o caso mais célebre, nos Estados Unidos. Neste último, o *Volstead Act* fez perdurar de 1919 a 1933, uma rigorosa lei seca. Porém, o impacto criminal durante o período, fez cair a emenda constitucional⁷⁸.

O forte apelo do movimento protestante organizado foi um dos principais responsáveis pelo impacto na discussão parlamentar da proibição (a emenda havia sido vetada pelo poder executivo). No entanto, no continente americano, foi praticamente caso isolado. No Brasil, foi apresentado projeto semelhante em 1922, e francamente

⁷⁶ PICCATO, Pablo. El discurso sobre la criminalidad y el alcoholismo hacia el fin del porfiriato. *In*: PÉREZ MONTFORT, Ricardo; DEL CASTILLO, Alberto; PICCATO, Pablo. Hábitos, Normas y Escándalo. Prensa, criminalidad y drogas durante el porfiriato tardío. Plaza y Valdéz Editores. 1997.

⁷⁷ EDELSON, Edward. Efeitos no cérebro. Tudo sobre drogas. Nova Cultural. São Paulo, 1987.

⁷⁸ FISHMAN, Ross. Alcoolismo. Tudo sobre drogas. 1987. pp.27

rejeitado no parlamento.⁷⁹ Na Argentina, como no Brasil, o controle no máximo se deu através da questão tributária, subindo a taxaço de destilados durante a década de 1920. Ou ainda, o aprisionamento temporário de pessoas excessivamente embriagadas. O próprio impacto criminal negativo da Lei Volstead, observado nos Estados Unidos, fez pesar contra os argumentos de parlamentares pró-temperança no Brasil e na Argentina.

Se por um lado, no caso estadunidense, o discurso restritivo das igrejas protestantes se fez ressoar no parlamento, o caso mexicano tomaria outro curso. Além das “leis secas villistas”, às quais voltaremos no próximo capítulo, os outros casos se distinguiram do vizinho nortista, em motivação e aplicação. Salvador Alvarado, Yucatán (1915), Plutarco Elias Calles, em Sonora e Francisco Múgica, em Tabasco,⁸⁰ foram todos casos de aplicação da proibição desde o poder executivo. E retornando as vertentes apresentadas, podemos apontar que a principal corrente de pensamento influente foi a do movimento operário. Os três revolucionários foram interlocutores dos antigos anseios das filas do Partido Liberal Mexicano e do magonismo.

⁷⁹ MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. A cerveja e a cidade do Rio de Janeiro. De 1888 ao início dos anos 1930. Editora UNB 2014. pp. 222.

⁸⁰ MÉNDEZ REYES, Jesús. De Crudas y Moralidad: Campañas Antialcohólicas en los Gobiernos de la Postrevolución (1916-1931). II Congreso de Historia Económica de México, 2004. Pp. 10.

3.2 – Villa, o general abstêmio

3.1.2 – O personagem perante a história

Antes de tecer qualquer análise sobre Villa e do próprio movimento do villismo, se faz necessário pacificar uma série de questões que vêm embutidas ao tratar do assunto. A sua figura e sua atuação ficaram marcadas, tanto para seus contemporâneos, quanto nas análises ao longo do século XX e início do XXI, por várias atribuições negativas, que se desdobram em duas modalidades básicas: a *lenda negra* do villismo, e a acusação da falta de projeto político.

O que ficou conhecido como *lenda negra* do villismo tem diferentes origens. Villa tivera antes de se juntar a convocação da revolução do Plano de San Luis Potosí, um passado de bandoleirismo. Porém, a atividade do comércio de gado, da qual Pancho se ocupava, por vezes, se confundia no norte do México com o ramo do bandoleirismo. O comércio e o roubo de gado possuíam uma tênue fronteira.⁸¹ O que não apaga seu passado. Em algumas das releituras de memórias, este passado é entendido e relido como uma luta contra o sistema. Contudo, o que é de interesse aqui será o uso desse passado posteriormente pelos inimigos de Villa. Tanto a imprensa huertista, quanto a imprensa carrancista manusearam muito bem essa imagem dele no sentido de descredibilizá-lo junto às populações. Não obstante, tanto huertistas, quanto carrancistas também exploraram a criação de uma imagem bárbara do villismo. Não faltaram propagandas, na imprensa e nas ruas, contando ao povo mexicano as atrocidades pelas quais os homens de Villa eram responsáveis: roubos, estupros, execuções e a semeadura

⁸¹ KATZ, Friedrich. “O México: a república restaurada e o porfiriato, 1867-1910”. In: BETHELL, Leslie(org) *História da América Latina: de 1870 a 1930*. Edusp, 2002.

da desordem nas cidades onde se instalavam. Os trabalhos historiográficos, na maioria das vezes, foram mais generosos com as fontes carrancistas, e dando mais credibilidade a estas, reproduziram vários dos estereótipos negativos construídos no período. As fontes villistas, quando consultadas, sofreram de um maior rigor crítico.

Em segundo lugar, a outra taxação que já vem embutida ao se tratar de Villa, é a de que ele não possuía projeto político algum. O que, aliás, não é exclusividade sua, mas trata-se de uma acusação recorrente ao processo da revolução mexicana como um todo, e estendido a suas lideranças. Nesse caso também a origem é anterior à análise dos historiadores. Desde o rompimento de Carranza com a Convenção de Aguascalientes, não reconhecendo-a como soberana, que pulularam entre os generais do constitucionalismo as caracterizações de Villa como um reacionário. Juntava-se a isso as demais “qualidades” de bárbaro, sanguinário, selvagem, inculto, analfabeto, irracional, e estava montado o quebra-cabeças da imagem de um Pancho que não tinha projeto político, que guerreava por amor à guerra.

Para essa caracterização, no entanto, a historiografia tem motivos mais complexos e diversos para reproduzir. Não só contribuiu a fidelidade a leitura das fontes carrancistas, mas também um rol de pressupostos analíticos para tratar os eventos da revolução. O grande modelo revolucionário para o século XX foi o russo. Ingratamente, o processo mexicano foi anterior e contemporâneo, mas tinha poucos paralelos com aquele.⁸² A partir dos moldes da Rússia, passou-se a olhar para o México julgando-o pelo não enquadramento na fôrma. Como não encaixava perfeitamente, uma das culpas era da falta de projeto dos mexicanos. Aponta Alan Knight dois outros pressupostos recorrentes no olhar para a revolução mexicana: o eurocentrismo, ou até o

⁸² TOBLER, Hans Werner. *La Revolución mexicana: algunas particularidades desde un punto de vista comparativo*. Revista Mexicana de Sociología, Vol. 51, No. 2, Visiones de México (Apr. - Jun., 1989), pp. 151-159.

francocentrismo presente nas comparações de François-Xavier Guerra e Jean Meyer⁸³, e a estadolatria⁸⁴ que permeia os apontamentos, aí de um corpus historiográfico mais amplo.

Uma primeira impressão leva a crer que Villa sai mais prejudicado nesse quesito, pois não tem um plano com a sua assinatura para reivindicar como seu projeto político. Entretanto, uma vez despojado das pressuposições analíticas listadas acima, é possível enxergar um projeto político, ou melhor, um projeto agrarista villista presente numa diversa e dispersa documentação. Os decretos e éditos de sua administração interina no governo de Chihuahua, os documentos de Silvestre Terrazas da administração das propriedades da Divisão do Norte em Chihuahua, os documentos da administração de Calixto Contreras na oficina de “Algodón Decomisado” em La Laguna, o Manifesto de Chihuahua e a Lei Geral Agrária (de 1915) constituem juntos o ideário agrário villista, aplicado.

No entanto, para entender sua figura, e sua política, na íntegra, são necessárias outras considerações. Além de se precaver dessas armadilhas de estereótipos pré-constituídos, o movimento villista se mostra bastante complexo para chegar às raízes de seus porquês e a seus pormenores. O conceito de fidelidade será central para a sua compreensão plena. Nas palavras de Friedrich Katz, o exército de Villa estava constituído por homens sem terra, que esperavam conquistá-las com a revolução. O caráter voluntário de sua adesão obedecia à seguinte estrutura interna: oficiais, eleitos e reconhecidos segundo o número de homens que haviam recrutado.⁸⁵ O caso exemplar

⁸³ KNIGHT, Alan. *Interpretaciones recientes de la Revolución mexicana*. Secuencia, num 13, 1989.

⁸⁴ KNIGHT, Alan. “*Caudillos y campesinos en el México revolucionario, 1910-1917.*” In: BRADING, D.A. *Caudillos y campesinos em La Revolución Mexicana*. México; Fondo de Cultura Económica, 1985.

⁸⁵ KATZ, Friedrich; GUADARRAMA, Adriana. *Pancho Villa y la Revolución mexicana*. Revista Mexicana de Sociología, Vol. 51, No. 2, Visiones de México (Apr. - Jun., 1989),pp. 87-113.

dessa lógica de funcionamento e organização era o da brigada do general Rosalío Hernández, conhecidos como *Los Leales de Camargo*. Os vínculos de sangue e compadrio eram do mesmo modo de suma importância.

Ainda nos eventos de 1910, Pancho Villa adere sem a importância militar que viria a alcançar nos anos seguintes. Mas por que lhe toca o Plano de San Luis Potosí? Para Robert Sandels, a resposta está na distribuição irregular dos benefícios materiais gerados durante o porfiriato⁸⁶. Esse argumento poderia valer para todo o país, mas em Chihuahua ganhava contornos mais estridentes. O clã Terrazas-Creel dominava o aparelho público no estado, e baixo sua administração as grandes propriedades pagavam bem menos do que lhes cabia, onerando os cofres públicos. Isso era compensado com o aumento da carga tributária sobre os pequenos proprietários.⁸⁷ No governo de Abraham González foi constatado que Luis Terrazas pagava o imposto de uma propriedade no valor de 5 milhões de pesos, como se esta valesse apenas 800 mil. Desse modo, não só não foram convertidos os benefícios materiais da era porfiriana para o chihuahuense comum, como também houve uma piora no seu nível por conta do contexto político local. Ancoravam-se aí as motivações da grande adesão em Chihuahua ao levante maderista.

Com a vitória da revolução maderista, e a chegada de Madero à presidência, não demorou até que perdesse aliados em Chihuahua. No início de 1912, Pascual Orozco lança o Plano de la Empacadora, seguindo o caminho de contestação ao governo aberto por Zapata no sul. Villa, também estava incomodado com o tempo que se passava sem a efetivação das reformas sociais do Plano de San Luis. Seguia vendo os chihuahuenses

⁸⁶ SANDELS, Robert. *Antecedentes de la revolución en Chihuahua*. Historia Mexicana, Vol. 24, No. 3 (Jan. - Mar., 1975), pp. 390-402.

⁸⁷ SIMS, Harold D. *Espejo de caciques: los Terrazas de Chihuahua*. Historia Mexicana, Vol. 18, No. 3 (Jan. - Mar., 1969), pp. 379-399

sem terra, mas Pancho entendia Madero, o outro Pancho, como um compadre, e mantinha-se fiel. E com o golpe de Huerta estava apresentado o caminho para que se tornasse uma das grandes chefias revolucionárias: reunir os cacos do maderismo, porém dessa vez levando as pautas sociais às últimas conseqüências.

A meados de setembro de 1913, as tropas da Divisão do Norte, sob comando de Pancho Villa, tomavam as cidades de La Laguna, e no início de outubro, o general enfrentava a tarefa de organizar Torreón, a então capital do villismo. Ali se deu a aplicação das primeiras políticas agrárias do movimento villista. Foi colocado na chefia da praça o general Calixto Contreras, quem também responderia mais tarde pela recém criada oficina de “Algodón Decomisado”. Logo de início, foram tomadas as *haciendas* e propriedades dos “inimigos da revolução”. A secretaria da Comissão de Agricultura de La Laguna ficaria a cargo de Jesús Ríos, e deveria administrar as propriedades seqüestradas. A guerra em curso impunha limites às políticas agrárias implementadas. A região dispunha de grande produção de algodão, o que no mercado estadunidense convertia-se em dinheiro, e o dinheiro em armas e munição. O regime de exploração da terra foi mantido segundo os usos e costumes locais, mas baixo administração estatal. Foi comum em área de jurisdição villista que as finanças da Divisão do Norte se confundissem com as do estado. Por outro lado, o custo de vida na região caiu bastante, a partir das subvenções proporcionadas pelo lucro do algodão. Resumindo o período de intervenção villista na região lagunense, as palavras de Roque González Garza: “*Se nota que no aparecen por ninguna parte los que pertenecen a las clases acomodadas.*”⁸⁸

Um segundo importante momento da implementação de tais políticas seria o governo do próprio Villa em Chihuahua. Embora a sua administração direta tenha durado apenas uns poucos meses, o seu sucessor, Manuel Chao, seguiu a linha de suas

⁸⁸ VARGAS-LOBSINGER, María. *La comarca Lagunera. De la revolución a la expropiación de las haciendas, 1910-1940*. México, DF, 1999.

políticas. Carranza, sempre muito desconfiado ante a figura de Pancho, delegou Chao para substituí-lo. O tiro saiu pela culatra, este se tornaria um dos mais fiéis villistas até sair para o exílio nos Estados Unidos. Há de se relevar que um desentendimento no início quase fez com que Chao fosse parar diante do pelotão de fuzilamento, mas o esclarecimento da situação aproximou-o a Villa. Mesmo depois da saída de Manuel Chao do governo de Chihuahua, boa parte dos territórios do estado ainda responderia diretamente ao comando da Divisão do Norte. Segundo Barry Carr⁸⁹, o desmonte do estado porfiriano, juntamente com o enfraquecimento do poder central, gerou um vazio de poder, de onde brotaram novas formas de autoridade, exercidas pelos comandantes militares em escala local. De algum modo isso ocorreu, o poder em armas da Divisão do Norte prevaleceu sobre as autoridades formais do constitucionalismo, assim como a legitimidade dos generais junto às populações locais.

A administração villista compreende uma complexa rede escorada nas relações de compadrio e na cadeia de comando militar da Divisão do Norte. Assim como conhecia uma abrangência bastante capilarizada na sociedade chihuahuense. Cobria as compras de emergência para sanar a pobreza de povoados conquistados; a proibição de bebidas alcoólicas em vésperas de batalha; a exploração das casas de jogo como fonte de receita; distribuição de dinheiro aos pobres. O major Enrique Santoscoy definia o villismo dentro do conceito de “justiça social”. O controle do villismo chegava a cobrança de taxas das mineradoras, de nacionais e estrangeiros; a administração da cervejaria de Chihuahua, por Silvestre Terrazas; e da Companhia de Luz de Chihuahua, chegando a fornecer um mês de luz grátis para os usuários; a limitação de preços aos grandes comerciantes; a reabertura da empacotadora de carne de Chihuahua; e a questões mais inusitadas, como o controle da prostituição em ciudad Juárez, no governo

⁸⁹ CARR, Barry. *Las peculiaridades del norte mexicano, 1880-1927: ensayo de interpretación*. Historia Mexicana, Vol. 22, No. 3 (Jan. - Mar., 1973), pp. 320-346.

de Juan Medina. Em toda essa gama de inserções e alcances do villismo, a característica central dessa *sui generis* forma de fazer a política era a tomada de empréstimos compulsórios com os ricos a fim de subsidiar as reformas sociais, ou ao menos a distribuição de milho e feijão ao povo.⁹⁰

Na análise de Friedrich Katz, as leis e decretos promulgados durante os governos villistas eram moderados no quesito estritamente agrário. No seu julgamento, a lei general agrária era mais conservadora que o Plano de Ayala. No entanto, ações de repartição de terras são conferidas durante o governo de Manuel Chao. E há mudanças no regime social a partir da administração das propriedades em Chihuahua por Silvestre Terrazas, a cargo da Divisão do Norte. E, o mais importante, eram as mudanças menos visíveis. O regime villista no estado, embora sem emplacar uma larga reforma agrária definitiva, que camponesasse os sem terra da região, foi responsável por outros importantes e profundos câmbios. O custo de vida havia baixado de maneira estupenda, e a população local podia usar água e luz mais baratas, assim como tinham acesso a carne, milho e feijão a preço de custo, em muitos casos.⁹¹ A preocupação com o trato da pobreza foi diretamente proporcional às expropriações dos grandes latifundiários e dos ricos das cidades.

Além do programa social efetuado por Villa, Chao, Silvestre Terrazas, Contreras, Ríos, Fidel Ávila e outros tantos villistas, a questão da defesa da autonomia se acentuava, e por vezes, esbarrava com o primeiro. Para Barry Carr, a autonomia econômica dos rancheros era o principal mobilizador da sua participação na luta; a

⁹⁰ TAIBO II, Paco Ignacio. *Pancho Villa, uma biografia*. Planeta, 2007.

⁹¹ KATZ, Friedrich. “*Pancho Villa, los movimientos campesinos y la reforma agraria en el norte de México.*” In: BRADING, D.A. *Caudillos y campesinos em La Revolución Mexicana*. México; Fondo de Cultura Económica, 1985.

defesa de uma liberdade tradicional local.⁹² Esse espírito, presente nos generais do exército do norte, somado a peculiar política villista gerava alguns anseios de proveito próprio. Foi o caso de conflitos de Pancho com seu fiel compadre Tomás Urbina. Este último seguia a risca o indicativo villista de só tomar dos ricos e fazer valer a justiça social, porém se sentiu tentado a tornar particulares os bens da Divisão do Norte que administrava.⁹³

Para Hans Tobler⁹⁴, a efetivação de reformas estruturais em áreas villistas esteve limitada pelo financiamento do seu próprio exército. Os porquês de Villa e do villismo iam além disso. Em alguns casos, as aspirações pessoais se apresentaram como obstáculos a estas reformas. Certamente, o raciocínio de Pancho estava sujeito às intempéries da guerra, e a criação das desconfianças semeada pelas traições no campo revolucionário. Contudo, desde sua adesão ao Plano de San Luis Potosí foi fiel ao programa social que julgava necessário ao povo mexicano. Foi fiel à defesa da terra, e dos ideais de justiça e liberdade para o camponês mexicano. Tampouco lhe cabe a taxaço de irracional...em uma de suas frases célebres: “*Se usa primero la cabeza y después los cojones*”.

3.2.2 – A imagem construída

O qualificado historiador inglês Eric Hobsbawn, desgraçadamente, ilustra a capa de seu livro “Bandidos” com uma foto de Pancho Villa. O livro pretende analisar o fenômeno do banditismo social, e vê em Villa a expressão mais forte e mais próxima da

⁹² CARR, Barry. *Las peculiaridades del norte mexicano, 1880-1927: ensayo de interpretación*. Historia Mexicana, Vol. 22, No. 3 (Jan. - Mar., 1973), pp. 320-346.

⁹³ TAIBO II, Paco Ignacio. *Pancho Villa, una biografía*. Planeta, 2007.

⁹⁴ TOBLER, Hans Werner. *Las paradojas del ejército revolucionario: su papel social en la reforma agraria mexicana, 1920-1935*. Historia Mexicana, Vol. 21, No. 1 (Jul. - Sep., 1971), pp. 38-79.

figura de Robin Hood; um bandido que tem bom coração e inclinações a favor dos pobres, mas com grandes limitações ideológicas para além disso. Argumenta sobre Pancho vendo-o em toda sua trajetória a partir da imagem do bandoleiro, e que vislumbra na revolução um trampolim para se tornar caudilho. Não há sombra de dúvida quanto ao fato de que Villa passara metade dos seus anos da sua vida pré-revolucionária como fora da lei. No entanto, sua história não se resume a isso. Há de se lembrar, por exemplo, que a sua condição de ilegalidade tem início ao partir para justicar o estuprador de sua irmã mais nova. Também não se deve deixar de lado a complexidade de sua trajetória de 1910 em diante, não compatível a um simples bandoleiro recrutado por um pretense movimento revolucionário.

No entanto, não só a historiografia consagrará uma imagem deturpada de Pancho. O cinema, tanto hollywoodiano, quanto mexicano, cristalizaria uma versão bastante confusa de Villa. Usando-se do estereótipo padrão do mexicano, construído desde fora, o personagem seria o “machão”, irracional e bêbado. Não interessa quem fôra Villa de fato, para a construção cinematográfica. Muito mais cabe enquadrá-lo no padrão imagético que convém.

A seguir, podemos ver como o padrão hollywoodiano constrói um tipo que destoa muito da figura inspiradora, desde a indumentária, até o perfil psicológico. Wallace Beery, estrelando !Viva Villa!.



Relata, em entrevista, a senhora Luz Corral, uma das esposas de Villa, e porque não dizer, a principal delas, que recebeu convite da Metro Goldwyn Mayer para ir a Hollywood, com o intuito de fazer cortes no filme “*!Viva Villa!*” (1934), daquelas cenas que considerasse inadequadas. Segundo ela: “*La película estaba horrible y me di muy buenas agarradas con los directivos de la Metro. Fíjese usted que en una escena aparecía Pancho bien borracho dando grandes tragos de una botella y claro, pedí que la quitaran. ‘¿Por qué razón?’ me preguntaron. ‘Por la sencilla razón – les dije – que Pancho era abstemio, jamás tomó una copa de licor’. ¿Y sabe qué me contestaron?, que no la podían quitar porque podía suponerse que lo que había en la botella era agua.*”⁹⁵ Como pode se ver, tanto pela resposta do representante da produtora, quanto pelo produto final da obra, mais importa a construção do personagem enquanto produto. E para tanto, agregaria valor a embriaguez.

Porém, esse tipo de personagem para representar Villa, não foi exclusividade do cinema estadunidense. Os próprios mexicanos o retrataram um tanto quanto deturpado.

⁹⁵ Entrevista presente em OSORIO, Rubén. Pancho Villa, Ese Desconocido. Entrevistas em Chihuahua a favor y en contra. Biblioteca Chihuahuense. 2004. pp. 119.

E contribuíram, igualmente ou mais, para a configuração de imagem pública que leva um percentual muito baixo de consonância com o personagem histórico. O galã Pedro Armendáriz foi protagonista de alguns dos filmes mexicanos sobre Villa, e uma das estampas da solidificação do perfil citado acima: o “machão”, irracional e bêbado.



Com tudo isso, não é por nada, que no imaginário popular mexicano, Pancho Villa seja pensado como bebedor e conquistador de mulheres; algo um tanto similar a auto-imagem que o mexicano projeta sobre si, ou mesmo a que o “gringo” projeta sobre o México. Soma-se a isso, que desde o pós-Revolução, “Villa”, “Viva Villa!”, “Dorados” e outros nomes relacionados ao general e a Divisão do Norte foram emblemas interessantes para batizar marcas de tequila e outros alcoólicos. No entanto, se formos a um registro original, temos o contraste com o cinema:



Pancho tomava *malteadas* e *licuados*, mesmo quando em companhia de seu Estado-maior nas cantinas da mais nova praça tomada; ou em festas após as vitórias nas batalhas. Tomou mezcal uma vez, nada mais que um gole, somente para não fazer desfeita a Zapata. Como relata o historiador e cronista de Durango, José de la O Holguín⁹⁶, as fontes orais enriquecem ainda mais a interpretação das restrições de Villa

⁹⁶ DE LA O HOLGUÍN, José. Pancho Villa en Canutillo, entre Pasiones y Flaquezas. Colección Bicentenario. 2010. Pp. 125-126.

ao consumo alcohólico. Segundo entrevista que colheu de Antonio Contreras, nativo de Torreón de Cañas, Ocampo, Durango:

“Pedro Dávila López, nativo del pueblo de Villa Ocampo, Durango, había sido un revolucionario que militó a las órdenes del general Francisco Villa, y se amnistió a su lado con el grado de coronel. Después de la pacificación, para el año de 1921, Pedro Dávila era un próspero comerciante; propietario de tres carros de mulas en los cuales por motivo de su actividad, viajaba con regularidad a la Hacienda de San Mateo de la Zarca y El Casco, del municipio de Villa Hidalgo, y la San Juan Bautista, municipio de Indé; esta última era propiedad de Luciano Veyán, con quien Pedro Dávila sostenía una buena relación amistosa y de negocios.

En uno de los tantos viajes que efectuó Pedro Dávila de la Hacienda de San Juan Bautista a Villa Ocampo; transportando aparentemente artículos para el consumo familiar, tales como quesos, carne seca, piloncillo y ropa, entre otras cosas. A su regreso del viaje fue sorprendido por el general Francisco Villa; al tratar de franquear el paso obligado de la Puerta de Durazno, que era la travesía ineludible a Villa Ocampo, ubicada cerca de la Hacienda de Canutillo. Villa lo cuestionó con bueno tono de voz, acerca de las actividades que estaba haciendo; y Pedro Dávila un tanto angustiado le manifestó que trasladaba mercancía para vender a la gente de la región.

Al notar Pancho Villa el nerviosismo de su antiguo correligionario, le dijo que algo andaba mal, por lo tanto procedería a revisar lo que acarreaba en las carretas. El resultado de la carazonada del general fue cierta, toda vez que encontró múltiples barricas de mezcal que a la postre vendería en Villa Ocampo y sus alrededores; y eran cargadas ocultas entre los demás productos.

El general Villa le señaló enérgico a Pedro, que de ninguna manera le simpatizaba que transitara por Canutillo negociando con mezcal para su gente; que el alcohol significaba un mal para los hombres que se entregaban al trabajo honesto. Ante los ojos del antiguo compañero de armas, lo despojo del producto, y empezó a arrojar al suelo cada agua que estaba en el lugar, no sin antes prohibirle en definitiva que volviera a vender alcohol en sus dominios.”

A história do veterano coronel Pedro Dávila demonstra como o trato villista perante o consumo alcoólico era bastante distinto daquele retratado no cinema. Através da história oral, dá-se conta de parcelas perdidas dessa história. O historiador de Chihuahua, Rubén Osorio, também aponta vários relatos que caminham na mesma direção. Principalmente partindo de entrevistas colhidas de Francisco Piñón, filho adotivo de Francisco Villa, Osorio sustenta como, no convívio doméstico e cotidiano, o general mantinha postura bem firme quanto à ingestão de bebidas embriagantes. Também sobre a “lei seca” em Canutillo, aqui segue um trecho: *“Mire usted, el general Villa no fumaba ni tomaba y consideraba el alcoholismo como una de las grandes tragedias nacionales. Se disgustaba mucho cuando algún trabajador, por*

emborracharse, gastaba en la cantina el dinero de su familia. Por eso prohió las cantinas y la venta de bebidas alcohólicas en Canutillo. [...] en una ocasión, un señor que no era de allí les vendió a escondidas a los trabajadores unas garrafas de sotol y se fue inmediatamente rumbo a Rosario. Pero no faltó quién le informara al general y éste envió unos soldados a caballo para que los apresaran. Una vez que lo tuvo en Canutillo, juntó todos los trabajadores y frente a ellos, mientras tiraban el sotol, le dieron de cintarazos por orden suya. Luego le dijo al individuo aquel todos los males que ocasionaba a los trabajadores el alcohol y le advirtió que no volviera a poner un pie en la hacienda”⁹⁷.

Analisando os dois relatos mencionados, podemos notar muitos traços narrativos em comum. É possível que ambos tenham ganhado caminhos e contornos distintos, a partir de um mesmo ocorrido presente na memória coletiva dos que viveram a experiência de Canutillo. No entanto, o ponto em questão aqui não é enumerar por quantas vezes o general Villa repreendeu o consumo alcoólico, mas sim estabelecer uma distinção daquele Villa das telas do cinema (muitas vezes reforçado pelos “especialistas”) e o personagem real, no que tange a esse aspecto. Traçar aqui um rascunho de seu complexo perfil psicológico, no intuito de ponderar a importância desse tópico para si. Desse modo, se poderá avançar para os seus efeitos mais práticos.

⁹⁷ Entrevista presente em OSORIO, Rubén. Pancho Villa, Ese Desconocido. Entrevistas em Chihuahua a favor y en contra. Biblioteca Chihuahuense. 2004. pp. 71.

4 – VILLA E LA COMPAÑIA CERVECERA DE CHIHUAHUA

4.1 – A indústria cervejeira mexicana

Existe uma cadeia histórica da cerveja, comumente a qual se recorre, onde se estabelece babilônios, egípcios e chineses como produtores e consumidores da bebida. Partindo-se dos registros existentes desses povos, é possível afirmar que é esta, a bebida mais antiga produzida pelo homem. Contudo, entre aquela cerveja babilônia, ou egípcia, e o que convencionamos tomar hoje em dia com esse nome, há uma grande distinção. Considerando o processo produtivo, a matéria-prima empregada e o sabor apreciado pelos adeptos, podemos marcar o fabrico da cerveja atual desde a Europa medieval.

Porém, é com a revolução industrial que conheceremos os impactos fundadores da atual indústria cervejeira. Como problematiza Marques: *“A indústria da cerveja atravessou as duas fases da história da industrialização na dianteira das mudanças sociais, o que pode surpreender a quem está habituado a associar o início da indústria capitalista à fabricação de têxteis. Na Inglaterra, as manufaturas de cerveja foram as primeiras a se beneficiarem da crescente concentração populacional nas cidades observada desde os finais do século XVI. A produção de cerveja, bem antes da dos tecidos, passou a ser feita em maior escala, tornando-se a primeira indústria do consumo de massa na Inglaterra. Até meados do século XVIII, foram várias as inovações introduzidas no processo de produção de cerveja na Grã-Bretanha. A produção concentrou-se em grandes unidades, com claros ganhos de escala, favorecidos pelo uso do carvão, barato e abundante, como principal fonte*

energética.”⁹⁸ Outra inovação importante que seguirá, será o aparecimento do “mestre cervejeiro”, rompendo a divisão tradicional do trabalho familiar, uma figura especializada que passa a se sobrepôr no processo produtivo. Já no século XIX, a inovação virá das cervejarias alemãs, que com o desenvolvimento do sistema de refrigeração de Carl Linde, puderam saltar da dependência da refrigeração natural para a produção de cervejas tipo *Lager* (ou seja, de baixa fermentação), em refrigeração artificial. As cervejas de tipo *lager*, típicas do fabrico alemão, dependem de leveduras que fermentam em temperaturas mais baixas, e, portanto, dependentes da refrigeração no processo produtivo. Até a constituição do sistema Linde de refrigeração, o processo era extremamente dependente do gelo natural, em outras palavras, do estabelecimento das unidades produtivas próximas às fontes naturais de gelo, e/ou do período do ano em que este era mais abundante⁹⁹. Com isso, as cervejarias inglesas sofrem um revés no mercado internacional, diante de suas concorrentes alemãs.

Como já mencionado, a cerveja não é uma bebida tradicionalmente produzida na América Latina. No entanto, no último quartel do século XIX ela passa a figurar no processo de produção de bens de consumo em países do continente como: Brasil, Argentina, Chile, México. Inicialmente em caráter familiar e artesanal, mas, para fins do século, contando com as inovações tecnológicas do setor, também de tipo industrial. Dentre estes, o México partia de um lugar privilegiado, pois a proximidade com os Estados Unidos facilitava o acesso a maquinário, matérias-primas e mercado, uma vez

⁹⁸ MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. A cerveja e a cidade do Rio de Janeiro. De 1888 ao início dos anos 1930. Editora UNB 2014. pp. 27.

⁹⁹ O termo remete também a uma técnica alemã, de produção de cervejas em temperaturas mais baixas, o que condiciona o uso de leveduras de tipo diferenciado para o processo de fermentação.

que o vizinho contava com uma próspera indústria cervejeira anterior. Gabriela Recio¹⁰⁰ nos fornece os seguintes quadros de produção para esse período:

Producción de Cerveza por Estados, 1877

Estados	Producción en barriles
Aguascalientes	3,995
Colima	1,236
Distrito Federal	46,890
Estado de México	1,126
Guanajuato	12,356
Jalisco	16,276
Michoacán	4,175
Puebla	7,390
San Luis Potosí	6,815
Veracruz	7,320
Producción Total	109,333

¹⁰⁰ RECIO, Gabriela. *El nacimiento de la industria cervecera en México, 1880-1910*. Segundo Congreso Nacional de Historia Económica, Facultad de Economía de la UNAM, Ciudad de México, 27-29 octubre de 2004. Pp. 7-8.

Principales Fábricas de Cerveza en 1900

COMPANÍA	AÑO DE FUNDACIÓN
CHIHUAHUA	
Cervecería de Chihuahua	1896
DISTRITO FEDERAL	
Cervecería Alsaciana (a)	1881
Cervecería Central	1899
Cervecería San Diego	1860
JALISCO	
Cervecería La Estrella (b)	1900
ESTADO DE MÉXICO	
Cía. Cervecera Toluca y México	1875
NUEVO LEÓN	
Cervecería Cuauhtémoc	1890
SINALOA	
Cervecería del Pacífico	1900
SONORA	
Cervecería Sonora	1896
VERACRUZ	
Cervecería Moctezuma	1894
YUCATÁN	
Cervecería Yucatán	1900

Importación de Cerveza por país, 1884

País	Cantidad (kg)	Valor (pesos)	Impuesto (pesos)
Estados Unidos			
En barriles	36,738	11,362	3,674
En botellas	143,201	87,723	28,640
Total	179,939	99,085	32,314
Alemania			
En barriles	1,125	438	113
En botellas	84,650	51,199	16,930
Total	85,775	51,636	17,043
Gran Bretaña			
En botellas	50,956	29,214	10,119
Total			
En barriles	37,863	11,790	3,786
En botellas	292,701	175,192	58,540
Total	330,564	186,991	62,326

Segundo a autora, a urbanização do norte da república foi um dos fatores de expansão do mercado cervejeiro no país, uma vez que, como já analisamos, a precibilidade do pulque restringia sua capacidade de circulação para muito além dos centros produtivos. Dessa forma, a cerveja, como bebida refrescante, se anunciava como

alternativa aos fortes destilados locais. Como visto acima, grande parte da demanda, não tão grande até então, era suprida pela importação. Houve, na década de 1880, um aumento de 580% nas importações do setor. Porém, para a última década do século XIX, já avistamos cinco cervejeiras nacionais com razoável capacidade produtiva, controlando mais de 70% da produção nacional: Companhia Cervecera de Chihuahua, Companhia Cervecera de Toluca y México, Cervecería Cuauhtémoc, Cervecería Sonora e Cervecería Moctezuma.

A primeira delas data de 1875: *“la Compañía Cervecera Toluca y México fue una empresa familiar fundada por el alemán Santiago Graff con un activo circulante de aproximadamente \$10,000 pesos. Esta pequeña fábrica comenzó operaciones con 13 trabajadores y para 1885 producía diariamente entre 3 y 5 hectolitros de cerveza surtiendo primordialmente la demanda local.”*¹⁰¹ Inicialmente, de produção modesta, atendia o mercado circundante a sua zona produtiva.

Outras, como a Cervecería Moctezuma, localizada em Orizaba (estado de Veracruz), não possui uma tradição tão longeva quanto à Toluca, porém, a crescente demanda do mercado e as interconexões com outros setores industriais, propiciaram a rápida afirmação. Como levanta John Wolmack Jr.: *“para 1908 el trabajo en la Moctezuma tenía una importancia considerable en el estado de Veracruz y sobre todo en Orizaba, porque los capitalistas dueños de la compañía eran altamente influyentes, habían convertido la cervecería en un buen cliente del Ferrocarril Mexicano, de la compañía local de energía eléctrica y del tranvía local interurbano, y pagaban sustanciosos impuestos al estado y a la ciudad.”* Además, los 450 hombres y niños que

¹⁰¹ RECIO, Gabriela. *El nacimiento de la industria cervecera en México, 1880-1910*. Segundo Congreso Nacional de Historia Económica, Facultad de Economía de la UNAM, Ciudad de México, 27-29 octubre de 2004. Pp. 6.

*trabajaban en la cervecería formaban el cuarto contingente de obreros más grande de la ciudad. [...] como en el número de unidades producidas. Los 114096 barriles de cerveza registrados en 1908, por ejemplo, fueron en realidad unos 36 000 cilindros de media barril y cuarto de barril y unos 33 millones de media.”*¹⁰² Devemos citar también, que foi a Cervecería Moctezuma, já durante a revolução, que recebeu o escritório temporário de Venustiano Carranza¹⁰³, enquanto sua chefia era posta em xeque pela Soberana Convenção de Aguascalientes.

Caminhando ao norte, no mapeamento das principais empresas cervejeiras na virada do século, temos a constituição da Cervecería Cuauhtémoc, em Monterrey (estado de Nuevo León). Data-se da década de 1890: *“La fundación de la Fábrica de Cerveza y Hielo Cuauhtémoc, se remonta al 16 de diciembre de 1890, cuando Isaac Garza y J.M. Schneider pidieron al Estado una concesión para la creación de una fábrica de vidrio y de cerveza de exportación. El 20 de diciembre obtuvieron exención de impuestos por 7 años. La Fábrica de Cerveza y Hielo Cuauhtémoc comenzó a operar a finales de 1891 y es el origen de Fomento Económico Mexicano S.A., FEMSA. La empresa inició con 70 obreros, 2 personas de administración y 100 mil pesos de capital”*¹⁰⁴. A companhia já surge nutrida da idéia de uma interlocução com o próximo mercado estadunidense. Imbuída de uma preocupação com a produção de excelência e a valorização de sua marca, a cervejaria fez uso de premiações em feiras internacionais como meio de propaganda dos seus produtos. Para o período revolucionário, a produção

¹⁰² WOMACK, John. El trabajo en la Cervecería Moctezuma, 1908 Colegio de México, Fideicomiso Historia de las Américas, 2012. Pp. 23-25.

¹⁰³ TAIBO II, Paco Ignacio. Pancho Villa, una biografía. Editora Planeta. São Paulo. 2007. Pp. 412.

¹⁰⁴ SÁNCHEZ, Beatriz Pérez; GUZMÁN SALA, Andrés; MAYO CASTRO, Armando. EVOLUCIÓN HISTÓRICA DE LA CERVECERÍA CUAUHTÉMOC: UN GRUPO ECONÓMICO DE CAPITAL NACIONAL. SEPTIEMBRE-DICIEMBRE 2012. Año 18, Número 52. Pp. 121-122.

ficaria incerta entre os anos de 1914 e 1919. Desde a tomada pela Divisão do Noroeste de Pablo González em 1914, foram mais de 1,5 milhão de pesos em prejuízos acumulados.¹⁰⁵

Por fim, a cervejaria que mais nos interessa a análise aqui é a Compañia Cervecera de Chihuahua. Estava situada na Av. Juárez, a 300m da Estación Ferrocarril Central Mexicano e 1500m da Ferrocarril de Chihuahua al Pacífico, próximo a Av. Colón. Desse modo, bem localizada a fim de escoar sua produção. O início da construção do edifício se deu em 8 de fevereiro de 1886, e o prédio contava com 192.97m de frente por 150.20m. de fundo. O investimento inicial foi orçado em 250 mil pesos; com os incrementos, chegou a 1 milhão de pesos. Todo o maquinário fora trazido da Europa e dos Estados Unidos. Contava com geradores de eletricidade próprios – 4 caldeiras / força motriz de 550 cavalos. Com relação à matéria-prima empregada, cevada, malte, lúpulo e levedura importados de Europa e Estados Unidos. Não consta nenhum dado sobre a aquisição de arroz, nacional ou importado, para o fabrico, tendo em vista que esse cereal era utilizado por suas concorrentes. A água passava por dupla filtragem; e a análise bacteriológica periódica, era realizada em laboratórios da cidade do México e Estados Unidos. Muito embora, muitos mestres cervejeiros contemporâneos aleguem que a água não é um elemento essencial na produção, basta que seja potável, para o período, a propaganda calcada na pureza e superioridade de qualidade das matérias-primas, devia valorizar tal qual a qualidade da água. Os envases provinham de Alemanha e Estados Unidos. A cortiça para as rolhas vinham da Espanha, e a maquinaria para rolar, francesa; enquanto que o mestre responsável pelo processo de engarrafamento e selagem, era espanhol. O outro principal profissional especializado da empresa, era não menos que o mestre cervejeiro; oriundo da Alemanha e certificado

¹⁰⁵ *Idem. PP. 124*

pela Academia de Cervejeiros de Chicago. Por mais que não fabricasse, inicialmente, os envases em seu complexo industrial, a Cervejaria de Chihuahua não era totalmente dependente de outros ramos; contando com a fabricação de 350 toneladas/dia de gelo, do mesmo modo, as etiquetas e embalagens eram de elaboração própria. Com relação à fabricação das garrafas, seus empresários buscaram, em 1905, a Owens, em Ohio, no intuito de adquirir a patente do maquinário para o México.¹⁰⁶ Como já enunciamos, a fábrica estava bem situada em relação à malha ferroviária, e, portanto, trabalhava com a exportação por ciudad Juárez (estado de Chihuahua, fronteira com o Texas), Nogales (estado de Sonora, fronteira com o Arizona) e o porto de Tampico (para Europa e também Estados Unidos). O Conselho Administrativo era formado por: Juan Terrazas Cuiltly (Presidência); Don Enrique Creel C. (Tesoureiro); Lic. Manuel Prieto (Secretário); Alberto Valdés Llano (Gerência).¹⁰⁷ As cervejas produzidas eram: Carta Plata, Standart, Lager, Tivoli, Pilsner, Bok Bier, Carta Negra, Edelweiss, Exposición; dentre outras.

Abaixo uma foto de época do edifício, e outra da logomarca da empresa:

¹⁰⁶ *Ibidem. pp. 123.*

¹⁰⁷ Dados consultados no: *Albúm Directorio del Estado de Chihuahua. 1903. Federico García y Alva*



grafia Mayo - 2014

*Compañía Cervecera
de Chihuahua S.A.*



Com relação à capacidade produtiva, Gabriela Recio¹⁰⁸ traz dados interessantes:

FÁBRICAS DE CERVEZA EN MÉXICO, 1899

<i>ESTADO</i>	<i>CIUDAD</i>	<i>NOMBRE</i>	<i>PROD. ANUAL (lts.)</i>
Aguascalientes	Aguascalientes	Cervecería Alemana	50,000
Coahuila	Torreón	Cervecería de Torreón	42,000
Chiapas	San Cristóbal Las Casas	"Victoria"	5,000
Chihuahua¹	Chihuahua	Compañía Cervecera de Chihuahua, S.A.	6,700,000
Distrito Federal	México	Cervecería Central	500,000
		Compañía Cervecera La Cruz Blanca, S.A.	250,000
Estado de México	Toluca	Compañía Cervecera Toluca y México, S.A.	2,000,000
	Ameca	"El Salto"	7,800
Guanajuato	Guanajuato	"El León de Oro"	3,000
	León	Fábrica de León	192,400
Jalisco	Guadalajara	"La Perla"	935,400
		Cervecería del León	250,000
Michoacán	Morelia	"Cervecería de Rangel"	18,000
	Maravatío	"Cervecería del Gallo"	14,208
	Tacambaro	"La Flor de Mayo"	3,552
		N.D.	1,100
	Patzcuaro	N.D.	6,800
		"Cervecería Belga"	9,490
	Uruapan	"El Progreso"	10,512
		N.D.	5,256
	Apatzingan	"El Gallo"	14,144
		"El Águila de Oro"	10,608
Zamora	N.D.	2,400	
	"La Fuente"	6,600	
Morelos	Cuernavaca	"La Sultana"	6,600
		"El Turco"	1,480
	Cuernavaca	"Porfirio Díaz"	500,000
		"San Pedro"	59,712
	Yautepec	N.D.	29,760
		N.D.	10,266
		N.D.	15,900
		N.D.	10,266
		N.D.	11,832
		N.D.	15,264
Juárez	N.D.	10,176	
	N.D.	10,000	
Nuevo León	Monterrey	Cerv. Cuahtémoc S.A.	1,250,00

¹⁰⁸ RECIO, Gabriela. *El nacimiento de la industria cervecera en México, 1880-1910*. Segundo Congreso Nacional de Historia Económica, Facultad de Economía de la UNAM, Ciudad de México, 27-29 octubre de 2004. Pp. 18-20.

Oaxaca	Oaxaca	"La Mascota"	250,000		
	Mihuatlán	"La Nacional"	500		
Puebla	Puebla	Cervecería Zaragoza	148,248		
		"Las Dos Americas"	5,760		
	Tehuacán	Cervecería Mexicana	14,400		
		Cervecería Hidalgo	6,120		
San Luis Potosí	San Luis Potosí	Cervecería de San Luis, S.A.	450,000		
		Cervecería Suiza	45,000		
Sinaloa	Culiacán	"La Unión"	25,000		
	Mazatlán	Cervecería Nacional	50,000		
Sonora	Hermosillo	Cervecería de Sonora	1,500,000		
Veracruz	Veracruz	"La Nueva Eureka"	5,000		
		"Los Dos Hermanos"	2,000		
		"La Estrella"	9,600		
	Jalapa	Cervecería Suiza	22,000		
		"La Reforma"	13,000		
	Banderilla	N.D.	62,400		
	Soledad de Doblado	N.D.	24,000		
	Coatepec	"El Porvenir"	8,064		
		N.D.	9,600		
		N.D.	1,152		
	Orizaba	Orizaba	Cervecería Moctezuma, S.A.	1,440,000	
			Cervecería Inglesa	20,000	
			Cervecería Mexicana	25,000	
			"La Azteca"	35,000	
			N.D.	26,000	
			N.D.	24,000	
			N.D.	7,000	
			Tlapacoyam	N.D.	12,000
				N.D.	10,000
				N.D.	5,500
Martínez de la Torre	N.D.	1,360			
	N.D.	3,600			
	N.D.	3,600			
Yucatán	Mérida	Gran Cervecería Yucateca	41,645		
TOTAL¹			17,276,195		

Fuente: Secretaría de fomento Colonización e Industria, *Anuario Estadístico de la República Mexicana a cargo del Dr. Antonio Peñafiel*, República Mexicana, 1900, Año VII, Núm. 7, p. IX, 70, 71.

1 Creemos que existe un error en el monto de la producción de la Cervecería Chihuahua ya que por descripciones de fábricas cerveceras a finales del siglo XIX su producción debería ser comparable con la producción de la Moctezuma o la Sonora. Por lo que la producción total de la industria debería ser aproximadamente de 12 millones de litros de cerveza. N.D.: No Disponible.

A autora vê, não sem razão, um grande descompasso numérico entre a Cervecería Chihuahua e as suas demais concorrentes de grande porte. Seria sua produção mais que o triplo da Toluca, e mais que o quádruplo das Moctezuma, Sonora e Cuauhtémoc. A sua consideração é bastante válida, considerado o ano dos números levantados, 1899. No entanto, de alguma parte há de ter saído a cifra de 6.700.000

litros/ano. O *Albúm Directorio del Estado de Chihuahua* apresenta que a produção inicial da empresa era de 3 milhões de litros/ano; e, por conta de um aumento da demanda, seriam feitos investimentos na ampliação das instalações, para fazê-la chegar a 6,7 milhões de litros/ano. O mesmo documento ainda nos diz que a fábrica contava, à época, com cerca de 280 operários, e que chegaria a 300. Considerando esses dados, um comparativo entre o número de trabalhadores empregados em Chihuahua e outras indústrias do setor, não é absurdo crer que o potencial da capacidade produtiva pudesse alcançar tal cifra. No entanto, o que parece ter ocorrido é que houve uma sobreposição de números de um período posterior, para o comparativo com a produção das demais cervejarias mexicanas em 1899.

Com relação ao aumento da demanda, Recio¹⁰⁹ nos fornece outro quadro comparativo, de onde pode-se inferir a sua razão. O estado de Chihuahua conta com uma das mais baixas produções de outros tipos de alcoóis para esse período. Sendo assim, a poucos anos da abertura da Cervecería de Chihuahua, podemos imaginar, que nesse estado, o gosto pela cerveja e seu consumo, tenham aumentado, fazendo insuflar a demanda.

¹⁰⁹ *Idem.* pp. 22.

PRODUCCIÓN DE ALCOHOLES Y CERVEZA, 1899

ESTADO	ALCOHOL (a)		CERVEZA	
	Num. Fábricas	Prod. Anual (lts.)	Num. Fábricas	Prod. Anual (lts.)
Aguascalientes			1	50,000
Baja California	7	18,602		
Campeche	38	431,177		
Coahuila	72	820,944	1	42,000
Colima	6	87,522		
Chiapas	216	1,275,978	1	5,000
Chihuahua (b)	41	233,103	1	1,250,000
Distrito Federal	3	2,253,222	2	750,000
Durango	54	240,370		
Estado de México	12	530,536	2	2,000,800
Guanajuato	25	334,533	2	195,400
Guerrero	46	194,309		
Hidalgo	230	1,121,147		
Jalisco	96	3,194,209	2	1,185,400
Michoacán	57	1,702,017	14	110,870
Morelos	35	9,621,812	10	673,176
Nuevo León	64	785,376	1	1,250,000
Oaxaca	103	487,461	2	250,500
Puebla	136	2,934,906	4	174,528
Querétaro	31	167,216		
San Luis Potosí	126	2,460,833	2	495,000
Sinaloa	108	667,151	2	75,000
Sonora	84	554,993	1	1,500,000
Tabasco	52	827,455		
Tamaulipas	47	223,019		
Tepic	18	141,652		
Tlaxcala	31	207,448		
Veracruz	381	5,391,877	23	1,769,876
Yucatán	65	1,235,056	1	41,645
Zacatecas	27	1,164,807		
TOTAL	2,211	39,311,731	72	11,826,195

Fuente: Secretaría de Fomento Colonización e Industria, Anuario Estadístico de la República Mexicana a cargo del Dr. Antonio Peñafiel, República Mexicana, 1900, Año VII, Núm. 7, p. VIII, 71, 72, 73.

(a) Se refiere a los productos elaborados a base de caña, maguey, uva, granos, maguey y caña, y granos y caña.

(b) La producción de la Cervecería Chihuahua se estimó en 1,250,000 litros por motivos que mencionamos en el cuadro

Grifamos na tabela, os estados que contavam com as principais cervejarias do país, e os principais produtores de outros etílicos. Dentro todos, Chihuahua tem o menor índice produtivo em litros anuais de outros alcoóis. Embora, essa pequena produção esteja diluída ente mais centros produtores, que em outras unidades federativas. Desse modo, podemos imaginar a importância dentro da economia chihuahuense, que terá a cervejaria às vésperas da revolução.

4.2 – Villa, governador de Chihuahua: o paradoxo entre proibir e lucrar

Pancho Villa foi governador do estado de Chihuahua por não mais que sete meses. Contudo, os governadores que o sucederam, Manuel Chao e Fidel Ávila, permaneceram fiéis ao villismo, à política implementada e à Divisão do Norte (comandada por ele). Como nos diz Katz: *“Cuando los jefes militares de la revolución lo eligieron como gobernador de Chihuahua en diciembre de 1913, el antiguo peón semianalfabeto se encontró súbitamente en una situación que jamás había enfrentado antes. Independientemente de todas las demás variables, la administración de un estado grande, rico, con una economía complicada y orientada a la exportación, sería ya particularmente difícil; sin embargo, además de las tareas normales de la administración pública, Villa debía poner en pie de guerra y financiar un ejército poderoso capaz de derrotar a Huerta.”*¹¹⁰. Nesse curto parágrafo, temos idéia da principal tarefa e paradoxo: administrar um exército revolucionário em paralelo à administração de um estado da república mexicana.

Apesar do curto período a frente do governo, poderíamos aqui destacar diversas aspectos populares e/ ou peculiares da administração villista: fornecimento de eletricidade gratuita, barateamento de artigos alimentícios, a confecção de moeda própria, ou ainda, os empréstimos compulsórios, onde os capitalistas do estado, tidos como inimigos da revolução, eram despojados de suas riquezas, para fins da própria revolução. As dinâmicas financeiras da administração do estado de Chihuahua se confundiam com as da manutenção do exército da Divisão do Norte. As pautas militares

¹¹⁰ KATZ, Friedrich. Villa: El gobernador revolucionario de Chihuahua. Biblioteca Chihuahuense. 2003.

também davam as cartas no jogo político e econômico. Um dos pontos peculiares do Villa governador, será o trato com a questão das bebidas embriagantes.

Como já expusemos em outros pontos, Pancho Villa era abstinente, e tinha grandes ressalvas em relação ao consumo alcoólico pelos seus homens. Embora, no discurso, o seu anti-alcoolismo possa ser equiparado, no sentido moral, ao de outras lideranças revolucionárias, como: Francisco Madero e Plutarco Elías Calles; uma *tragédia nacional*, os seus fins e aplicação terão um outro sentido na prática, como poderemos observar. O advogado texano Gunther Lessing, em suas memórias *My adventures during the Madero-Villa Mexican Revolution*, expõe como durante as primeiras vitórias maderistas em Juárez, parte do Estado-Maior: Raúl Madero, Julio Madero, Alberto Blair, Eduardo Hay, Roque González Garza, Gustavo Madero, buscava fechar em exclusividade prostíbulos em El Paso (Texas), para desfrutar das bebidas sem que isso pesasse negativamente em sua imagem. Por outro lado, também aborda um conflito entre Villa e Raúl Madero, quando da execução da lei seca villista em Juárez, pois este último queria beber.¹¹¹ Raúl, como militar, fora afetado diretamente pela política restritiva. Contudo, não era assim para todos.

Durante o governo de Villa e seus aliados, em Chihuahua, o *Periódico Oficial del Gobierno Constitucionalista del Estado de Chihuahua*¹¹² registra os seguintes ingressos provenientes das bebidas:

Tesorería General del Estado de Chihuahua

-movimientos de febrero de 1914

¹¹¹ LESSING, Gunther R. *My adventures during the Madero-Villa Mexican Revolution*. 1963 In: Main Library, El Paso.

¹¹² Archivo Histórico Municipal de Chihuahua.

Ingresos

-derecho de patente por licores \$48,00

-derecho de patente por licores (fuera del padrón) \$262,85

-movimientos de marzo de 1914

Ingresos

-derecho de patente por licores \$392,91

-derecho de patente por licores (fuera del padrón) \$1828,89

-movimientos de abril de 1914

Ingresos

-derecho de patente por licores \$1569,50

-derecho de patente por licores (fuera del padrón) \$727,74

-movimientos de mayo de 1914

Ingresos

-derecho de patente por licores \$1781,00

-derecho de patente por licores (fuera del padrón) \$1899,00

-movimientos de junio de 1914

Ingresos

-derecho de patente por licores \$1994,50

-derecho de patente por licores (fuera del padrón) \$1358,76

-movimientos de septiembre de 1914

Ingresos

-derecho de patente por licores \$664,50

-derecho de patente por licores (fuera del padrón) \$1383,07

-movimientos de octubre de 1914

Ingresos

-derecho de patente por licores \$1655,00

-derecho de patente por licores (fuera del padrón) \$543,34

Ao largo desse período, foram lançados éditos de lei seca com distintas penas. No entanto, não se proibiu a venda das bebidas alcoólicas, mas sim conduziu-se as restrições a um público específico: os militares que estavam envolvidos na causa revolucionária. Apenas em um caso, se atacará o público civil com tais medidas, e esse, expomos a seguir:

Disposición prohibiendo la venta de bebidas embriagantes

Por acuerdo del C. General en Jefe de la División del Norte, esta Presidencia Municipal, en despacho de hoy, ha tenido a bien disponer que desde esta fecha y hasta nueva orden, se prohíbe la venta de toda clase de bebidas embriagantes, en la inteligencia de que el que contraviniera esta disposición será castigado civilmente con la multa de \$100 cien pesos, y cinco días de arresto, además se les quebrará todo lo que contenga licor de la cantina, casino o cualquier clase de establecimiento. Lo que se comunica a los interesados a fin de que den el debido cumplimiento a la presente

*disposición. Constitución y Reformas – Chihuahua, 6 de febrero de 1914 – El Pte Mpal Int., R. Ornelas – El Srio. Int., F.G. Hernández.*¹¹³

O que justificaria a excepcionalidade da medida? Aparentemente, a resposta reside em documentos posteriores. No mesmo mês de agosto, ao dia 29, se publicariam as *Actas del Consejo Superior de Salubridad – Inspector de Bebidas y Comestibles*. E no 7 de setembro, as autoridades municipais destituiriam o inspetor pelo acúmulo incompatível de 2 cargos. Ainda, em paralelo, estava em construção o novo regulamento da polícia sanitária – responsável pela inspeção das bebidas e cantinas, e viria a público no 9 de novembro de 1914. Conectando esses documentos à prática de restrição alcoólica com fins militares, podemos supor que essa proibição de venda de agosto/1914 esteve em sintonia com uma reordenação sanitária em curso.

As diversas dinâmicas pertinentes à dupla competência de chefia: a Divisão do Norte e o estado de Chihuahua, por diversas vezes, se entrecruzavam. Dentre essas, as finanças. A capacidade de financiamento da Divisão do Norte estava diretamente entrelaçada com o aporte do estado. Como visto acima, a produção, distribuição e consumo das bebidas embriagantes, poderia apresentar-se como interessante fonte de renda. Contudo, Villa desenvolvera uma outra modalidade de adquirir recursos para os fins revolucionários, que também respingaria na produção alcoólica. O confisco de bens e os empréstimos compulsórios estavam assim regimentados:

“Artículos del decreto de confiscación de bienes

“GRAL. FRANCISCO VILLA, Primer Jefe del Ejército Constitucionalista en el Estado de Chihuahua, y conforme el Plan de Guadalupe Gobernador Provisional del mismo Estado; de acuerdo con las facultades extraordinarias de que me hallo investido, he tenido a bien decretar lo que sigue:

¹¹³ Archivo Histórico Municipal de Chihuahua.

Teniendo suficientes pruebas relativas a la intervención que diversos capitalistas del Estado han tenido en las últimas dificultades que ha tenido que resolver nuestra Patria, [...] entre esos malamente enriquecidos, quienes han defraudado por mil medios al erario público por más de medio siglo de dominación por el engaño y la fuerza[...] Son confiscables y se confiscan, en bien de salud pública y a fin de garantizar las pensiones a viudas y huérfanos causados por la defensa que contra los explotadores de la Administración ha hecho al pueblo mexicano [...] para esos fines, los bienes muebles e inmuebles y documentaciones de todas las clases pertenecientes a los individuos Terrazas(Luis) e hijos, hermanos Creel [...]"¹¹⁴. Com isso, com a Divisão do Norte no poder em Chihuahua, uma certa classe de capitalistas estaria despojada de seus interesses, e recursos.

Sem sombra de dúvidas, o principal grupo inimigo da revolução em Chihuahua, e ao mesmo tempo detentor das maiores riquezas do estado, era o clã Terrazas-Creel. Dentre seus bens, figurava a Cervejaria de Chihuahua, umas das cinco mais importantes do país até então, e talvez, a que contasse com maior produção no momento. Dentro do rol das proibições e restrições à embriaguez, nunca ocorreu a possibilidade de fechar a fábrica. Seguindo a política decretada, as ações majoritárias dos Terrazas e Creel foram destituídas. Mas a fábrica, a pleno funcionamento, seguiu a cargo dos acionistas que não figuravam na lista negra do villismo. E serviu como importante fonte de receita. A cargo do secretário de governo, Miguel Baca Ronquillo foram tomados, na soma total, 90 mil pesos em empréstimos compulsórios junto à cervejaria, com o fim de alimentar a Agencia de Confiscaciones da Divisão do Norte.

O senhor Baca Ronquillo foi, durante o governo interino de Villa no estado, o oficial mayor, e terceiro na ordem de comando da administração. Apesar de ser uma

¹¹⁴ ARCHIVO MUNICIPAL DE CHIHUAHUA

figura quase invisível nas fontes e literatura villistas, um telegrama de Villa a seu secretário geral, Silvestre Terrazas, nos dá uma pista de que se tratava de um dos homens dos bastidores das finanças da Divisão do Norte. No documento, o general indica o repasse de \$150.000 pesos plata a Ronquillo, para aquisição de armamento e munição em El Paso. Sendo um dos homens das finanças, esteve assim a frente da mediação entre a Agencia de Confiscaciones e a Compañía Cervecera de Chihuahua.

Analisando os balanços financeiros da Agencia¹¹⁵, encontraremos os seguintes números:

-28/7/1914 – \$50.000 pesos – La Cervecería de Chihuahua – remesa hecha por sr. Miguel Baca Ronquillo – oficina central de confiscaciones

-5/8/1914 – La Cervecería de Chihuahua – \$25000 pesos – caja de oficina de confiscaciones

-18/9/1914 – 990.00 – pagado a Simón Sierra por el 10% de dividendos que les corresponde por 99 acciones, sobre las utilidades habidas en el último semestre

-3/10/1914 – \$15.000,00 – La Cervecería de Chihuahua

-Balance de la Comprobación de los Libros de la Administración General de Confiscaciones en Chihuahua

Correspondiente al mes de Octubre de 1914

Cervecería de Chihuahua – Movimientos: Debe 990.00 / Haber 90000.00

Saldos: Deudor --- / Acreedor 89010.00

¹¹⁵ SILVESTRE TERRAZAS COLLECTION. BANCROFT LIBRARY. UNIVERSITY OF BERKELEY.

-Mesmos números para dezembro.

-Balance de la Comprobación de los Libros de la Administración General de Confiscaciones en Chihuahua

Correspondiente al mes de Febrero de 1915

Cervecería de Chihuahua – Movimientos: Debe 89924,36 / Haber 90000.00

Saldos: Deudor --- / Acreedor 705,64

-Mesmos saldos para abril, maio, junho

-Balance de la Comprobación de los Libros de la Administración General de Confiscaciones en Chihuahua

Correspondiente al 30 de septiembre 1915

Cervecería de Chihuahua – Movimientos: Debe --- / Haber 44.470,04

Saldos: Deudor --- / Acreedor 44.470,04

-Balance de la Comprobación de los Libros de la Administración General de Confiscaciones en Chihuahua

Correspondiente al mes de octubre 1915

Cervecería de Chihuahua – Movimientos: Debe --- / Haber 67.964,59

Saldos: Deudor --- / Acreedor 67.964,59

Acompanhando o avanço dos números, tiramos algumas ponderações. A relação com a cervejaria não foi de confisco, mas de empréstimo, uma vez que, ao menos um acionista minoritário recobrou seus dividendos junto à Agencia de Confiscaciones. E a

variação dos saldos, do mesmo modo, indica que também outros o fizeram. Não menos importante se faz considerar o tamanho do aporte financeiro auferido. Podemos ainda refletir, sobre como a tomada de poder por parte da Divisão do Norte, não só influenciou nas dinâmicas políticas estatais, como impactou radicalmente na estrutura e ordem econômica do estado.

5 - CONCLUSÃO

No México, com a guerra revolucionária, durante a década de 1910, viveu-se um cenário de violência institucionalizada. Contudo, em uma sociedade com milhares de homens armados, e cheios de diferenças entre si, outras escaramuças podiam surgir, mesmo fora do campo de batalha. Quesitos como a provação da virilidade e valentia, a conquista de concubinas e amantes, ou ainda, desavenças pela manutenção e ganho de posição social ou de comando, eram principais tópicos detonadores de conflitos. Duelos, as *Loterias da morte*, os *Toritos*, ou o simples saque da pistola para atirar no adversário eram os espaços onde estes desentendimentos ganhavam contornos finais. O consumo alcoólico amplamente difundido, assim como a embriaguez desregrada eram fortes detonadores dessas questões, e assim, traziam baixas extra-batalha às diversas facções revolucionárias. Pode-se dizer que a defesa pela manutenção da honra (em seus diversos sub-elementos), cruzada com os excessos etílicos, foi responsável por parte considerável da violência na Revolução, para além da violência revolucionária.

Por outro lado, para além dos impactos militares, a cultura alcoólica em pujante transição, da exclusividade dos destilados de agave para a nascente popularização da cerveja, também esteve sob contestação desde distintos pontos da sociedade. Um

pensamento anti-alcoólico foi compartilhado por diferentes grupos no mundo ocidental, na virada do século XIX para o século XX, e assim sendo, às vésperas da revolução. Religiosos, o movimento operário, médicos e estadistas se puseram a refletir e questionar sobre o álcool como uma problemática social. No entanto, as possibilidades práticas também impunham obstáculos às restrições.

O importante aporte financeiro da Cervejaria de Chihuahua para a Divisão do Norte, em empréstimos, fez também com que não fosse problemática a manutenção da produção e comércio de bebidas, ainda que contasse com ocasionais restrições aos homens em armas. Desde o ponto de vista villista, os dados recolhidos apontam que a proibição tinha muito mais um caráter pragmático, que moral. Embora o discurso se assemelhe com o de outros líderes abstêmios, a prática de Villa dá mostra de muito mais sujeita aos imperativos da guerra.

Algumas questões podem permanecer abertas, como: Pancho, o abstêmio, seria o extraordinário dentre tantos ébrios gerais ou apenas um apontamento da regularidade no mundo rural mexicano, onde os excessos saltam à luz, e a boa medida passa despercebida? No entanto, o seu olhar para a questão alcoólica, desde um ponto de vista um tanto quanto mais pragmático, e menos moral, tal qual, é digno de nota. De outra parte, a revolução é um tear onde as mudanças na sociedade mexicana seguem sendo tecidas. Aquele mundo onde cada povoado produzia sua bebida embriagante, fermentada em sua própria idiossincrasia local, fôra substituído pela nacional e moderna cerveja. A Revolução é pano de fundo para mais revoluções que a vista alcança.

FONTES:

- Entrevistas: José de la O Holguín; Rubén Osorio

- Bíblia

- A Odisséia, de Homero

- Albúm Directorio del Estado de Chihuahua. 1903. Federico García y Alva

- Archivo Histórico Municipal de Chihuahua

- AZUELA, Mariano. *Los de Abajo*. (novela)

- GÁMEZ, Ernesto. “La Bestia Hermosa” o La vida de Rodolfo Fierro.

- MANTECÓN PÉREZ, Adán. em suas memórias, *Recuerdos de un villista: mi campaña en la revolución*. Universidade do Texas. 1967.

- MUÑOZ, Ignacio. *Verdad y Mito de la Revolución Mexicana*. Ediciones Populares. México. 1962.

- MUÑOZ, Rafael. *Oro, caballo y hombre*. (conto)

- **Pacto de Xochimilco** (disponível em www.bibliotecas.tv)

- REED, John. México Rebelde. Círculo do Livro. São Paulo.

- SAHAGÚN, Frei Bernardino de. Historia General de las Cosas de Nueva España. (ou Códice Florentino)

FILMOGRAFIA:

Título: Vamonos con Pancho Villa; Ano: 1936; Direção: Fernando de Fuentes;

Duração: 92 minutos.

BIBLIOGRAFIA:

AGOSTONI, Claudia. The Expansion and Diagnosis of the City. In: Monuments of Progress. Modernization and Public Health in Mexico City, 1876-1910. Alberta: University of Calgary Press, 2003.

ALMEIDA, Marta de. Circuito aberto: idéias e intercâmbios médico-científicos na América Latina nos primórdios do século XX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.13, n.3, p. 733-757, jul.-set. 2006.

ARMUS, Diego. O Discurso da Regeneração: espaço urbano, utopias e tuberculose em Buenos Aires, 1870-1930. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p.235-250, 1995

BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución Mexicana*. Fondo de Cultura Económica, 2004.

BERUMEN, Miguel Ángel. 1911 La Batalla de Ciudad Juárez/ Las imágenes. Berumen y Muñoz editores.

CAMPBELL, Joseph. O poder do mito / Joseph Campbell, com Bill Moyers ; org. por Betty Sue Flowers ; tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CARR, Barry. *Las peculiaridades del norte mexicano, 1880-1927: ensayo de interpretación*. Historia Mexicana, Vol. 22, No. 3 (Jan. - Mar., 1973), pp. 320-346.

CHAPLE, Enrique Beldarraín. Cambio y Revolución: el surgimiento del Sistema Nacional Único de Salud en Cuba, 1959-1970. *Dynamis. Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam*, Granada, España, v.25, p. 257-278, 2005.

CLAVIN, Patricia. Defining Transnationalism. *Contemporary European History*, 14, pp 421-439. 2005

CUETO, Marcos. Tifo, Varíola e Indigenismo: Manuel Nuñez Butrón e a medicina rural em Puno, Peru. In: HOCHMAN, Gilberto (org.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. pp. 295-329.

DE LA O HOLGUÍN, José. Pancho Villa en Canutillo, entre Pasiones y Flaquezas. Colección Bicentenario. 2010.

DEWALT, Billie R. . *Drinking Behavior, Economic Status, and Adaptive Strategies of Modernization in a Highland Mexican Community*. *American Ethnologist*, Vol. 6.

DI LISCIA, Maria Silvia. Médicos y maestros. Higiene, eugenesia y educación en Argentina (1880-1940). In: DI LISCIA, Maria Silvia; SALTO, Graciela Nélica (eds). *Higienismo, Educación y Discurso en la Argentina (1870-1940)*. Santa Rosa, La Pampa: Editorial de la Universidad Nacional de La Pampa, 2004, pp.37-64.

EDELSON, Edward. Efeitos no cérebro. Tudo sobre drogas. Nova Cultural. São Paulo, 1987.

FALLAW, Ben. *Dry Law, Wet Politics: Drinkin and Prohibition in Post-Revolutionary Yucatan, 1915-1935*. *Latin American Research Review*. Vol. 37. No. 2 (2002). pp. 37-64.

FISHMAN, Ross. Alcoolismo. Tudo sobre drogas. Nova Cultural. São Paulo, 1987.

GILLY, Adolfo. La Revolución Interrumpida. Ediciones Era. 1994.

GONZALEZ, Francisco Rojas. *Estudio Histórico-Etnográfico del Alcoholismo entre los Indios de México*. *Revista Mexicana de Sociología*, Vol. 4, No. 2 (2nd Qtr., 1942), pp. 111-125. Universidad Nacional Autónoma de México.

GUTIÉRREZ, Maria del Pilar. FUENTES PARA EL ESTUDIO DEL VINO MEZCAL EN LA POBLACIÓN DE TEQUILA (JALISCO).SIGLOS XVIII Y XIX. 2003.

KATZ, Friedrich. *Villa el gobernador revolucionario de Chihuahua*. Governo do Estado de Chihuahua, Chihuahua, 2003.

_____ ; GUADARRAMA, Adriana. *Pancho Villa y la Revolución mexicana*.
Revista Mexicana de Sociología, Vol. 51, No. 2, Visiones de México (Apr. - Jun.,
1989),pp. 87-113.

_____. “*Pancho Villa, los movimientos campesinos y la reforma agraria en el norte de México.*” In: BRADING, D.A. *Caudillos y campesinos en La Revolución Mexicana*. México; Fondo de Cultura Económica, 1985.

_____. “*O México: a república restaurada e o porfiriato, 1867-1910*”. In:
BETHELL, Leslie(org) *História da América Latina: de 1870 a 1930*. Edusp, 2002.

KNIGHT, Alan. “*Caudillos y campesinos en el México revolucionario, 1910-1917.*” In:
BRADING, D.A. *Caudillos y campesinos en La Revolución Mexicana*. México; Fondo
de Cultura Económica, 1985.

_____. *La Revolución Mexicana: Del Porfiriato al nuevo régimen constitucional*. Fondo de Cultura Económica. 2010.

_____. *The Mexican Revolution: Bourgeois? Nationalist? Or Just a 'Great Rebellion'?* Bulletin of Latin American Research, Vol. 4, No. 2 (1985), pp. 1-37.

_____. *La Révolution mexicaine: révolution minière ou révolution serrano?*
Annales. Histoire, Sciences Sociales, 38e Année, No. 2 (Mar. - Apr., 1983), pp. 449-
459.

_____. *Interpretaciones recientes de la Revolución mexicana*. Secuencia, num
13, 1989.

_____. *Popular culture and the revolutionary state in Mexico, 1910-1940*.
Hispanic American Historical Review, LXXIV, No. 3, 1994, pp. 393-444.

_____. “*Habitus and homicide: political culture in revolutionary Mexico*”. In: PANSTERS, Wil G.(ed.) *Citizens of the Pyramid. Essays on mexican political culture*. Amsterdam, Thela, 1997.

_____. *Subalterns, signifiers, and statistics: perspectives on mexican historiography*. Latin American Research Review, XXXVII, núm. 2, 2002, pp. 136-158.

LIMA, Oswaldo Gonçalves de. *El maguey y el pulque en los códices mexicanos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

MAGAÑA, Gildardo. *Emiliano Zapata y el agrarismo en México*. Comissão para a Comemoração do Nascimento do General Emiliano Zapata, 5 volumes, México, DF, 1979.

MANCERA, Sonia. *El fraile, el indio y el pulque: embriaguez en la Nueva España (1523-1548)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

MANDELBAUM, David. *Alcohol and Culture*. Anthropology, Vol. 6, No. 3 (Jun., 1965), pp. 281-288+289-293. The University of Chicago Press.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. *A cerveja e a cidade do Rio de Janeiro. De 1888ao início dos anos 1930*. Editora UNB 2014.

MÉNDEZ REYES, Jesús. *De Crudas y Moralidad: Campañas Antialcohólicas en los Gobiernos de la Postrevolución (1916-1931)*. II Congreso de Historia Económica de México, 2004.

MENÉNDEZ, Eduardo L. . *Saber "médico" y saber "popular": el modelo médico hegemónico y su función ideológica en el proceso de alcoholización*. Estudios Sociológicos, Vol. 3, No. 8, Los alimentos en la sociedad: aportes al estudio interdisciplinario de la alimentación (May - Aug., 1985), pp. 263-296. Colegio De Mexico.

MEYER, Jean. *La Revolución Mexicana*. Tiempo de Memoria Tusquets Editores, 2004.

OSORIO, Rubén. *La correspondencia de Francisco Villa. Cartas y telegramas de 1911 a 1923*. Biblioteca Chihuahuense. 2004.

_____. *Pancho Villa, Ese Desconocido. Entrevistas en Chihuahua a favor y en contra*. Biblioteca Chihuahuense. 2004.

PALMER, Steven. *Saúde Imperial e Educação Popular: a Fundação Rockefeller na Costa Rica em uma perspectiva centro-americana, 1914-1921*. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. pp. 217-248.

PARKER, David S. *Civilizando la ciudad de los Reyes: higiene y vivencia en Lima, 1890-1920*. In: ARMUS, Diego. *Entre médicos y curanderos: cultura, historia y enfermedad en la América Latina moderna*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, ago. 2002. pp. 105-150.

PEÑA, Juan Pablo Murillo; GARCÍA, Oswaldo Salaverry; PAREDES, Gustavo Franco. *País enfermo y despoblado. Debates sanitarios y proyectos de desarrollo en el Perú en la primera mitad del siglo XX*. In: HOCHMAN, Gilberto; DI LISCIA, Maria Silvia; PALMER, Steven (orgs.). *Patologías de la patria: enfermedades, enfermos y nación en América Latina*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2012. pp. 155-179.

PICCATO, Pablo. Politics and the Technology of Honor: Dueling in turn-of-the-century Mexico. *Journal of Social History*. Oxford University. Vol. 33. N° 2. Pp. 331-354.

_____. El discurso sobre la criminalidad y el alcoholismo hacia el fin del porfiriato. In: PÉREZ MONTFORT, Ricardo; DEL CASTILLO, Alberto; PICCATO, Pablo. Hábitos, Normas y Escándalo. Prensa, criminalidad y drogas durante el porfiriato tardío. Plaza y Valdéz Editores. 1997.

RECIO, Gabriela. *El nacimiento de la industria cervecera en México, 1880-1910*. Segundo Congreso Nacional de Historia Económica, Facultad de Economía de la UNAM, Ciudad de México, 27-29 octubre de 2004.

RIVAS LÓPEZ, Ángel El verdadero Pancho Villa. Instituto Chihuahuense de la Cultura. 2011.

RUDÉ, George. A Multidão na História, Estudos dos Movimentos Populares na França e na Inglaterra 1730-1848. Editora Campus.

SALDAÑA, Juan José; PRIEGO MARTINEZ, Natalia. Entrenando a los cazadores de microbios de la república: la domesticación de la microbiología en México. In: SALDAÑA, Juan José (coord.). *La Casa de Salomón en México. Estudios sobre la institucionalización de la docencia y la investigación científicas*. México: Facultad de Filosofía y Letras, Dirección General de Asuntos del Personal Académico, Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. pp.283-305.

SALMERÓN, Pedro. *Sayula: la última gran victoria de la División del Norte Un ejercicio de historia-batalla.*

SÁNCHEZ, Beatriz Pérez; GUZMÁN SALA, Andres; MAYO CASTRO, Armando. EVOLUCIÓN HISTÓRICA DE LA CERVECERÍA CUAUHTÉMOC: UN GRUPO ECONÓMICO DE CAPITAL NACIONAL. SEPTIEMBRE-DICIEMBRE 2012. Año 18, Número 52.

SANDELS, Robert. *Antecedentes de la revolución en Chihuahua.* Historia Mexicana, Vol. 24, No. 3 (Jan. - Mar., 1975), pp. 390-402.

_____. *Silvestre Terrazas and the Old Regime in Chihuahua.* The Americas, Vol. 28, No. 2 (Oct., 1971), pp. 191-205.

SANDOS, James A. . *Northern Separatism during the Mexican Revolution: An Inquiry into the Role of Drug Trafficking, 1910-1920.* The Americas, Vol. 41, No. 2 (Oct., 1984), pp. 191-214.

SIMS, Harold D. *Espejo de caciques: los Terrazas de Chihuahua.* Historia Mexicana, Vol. 18, No. 3 (Jan. - Mar., 1969), pp. 379-399

TAIBO II, Paco Ignacio. *Pancho Villa, una biografía.* Editora Planeta. São Paulo. 2007.

TAYLOR, William B. *Drinking, Homicide, and Rebellion in Colonial Mexican Villages.* Stanford University Press, Stanford, California, 1979.

THOMPSON, Edward. *Costumes em Comum*. São Paulo, Companhia da Letras, 1998.

TOBLER, Hans Werner. *Las Paradojas del Ejército Revolucionario: su papel social en la reforma agraria mexicana, 1920-1935*. *Historia Mexicana*. Vol. 21. No. 1 (Jul-Sep, 1971), pp 38-79.

_____. *La Revolución mexicana: algunas particularidades desde un punto de vista comparativo*. *Revista Mexicana de Sociología*, Vol. 51, No. 2, Visiones de México (Apr. - Jun., 1989),pp. 151-159.

VARELLA, Alexandre Camera. *A embriaguez na conquista da América: medicina, idolatria e vício no México e Peru, séculos XVI e XVII*. Editora Alameda, 2013.

VARGAS-LOBSINGER, María. *La comarca Lagunera. De la revolución a la expropiación de las haciendas, 1910-1940*. México, DF, 1999.

WOMACK, John. *El trabajo en la Cervecería Moctezuma, 1908*. Colegio de Mexico, Fideicomiso Historia de las Americas, 2012.